

Registros para um Dicionário de Expressões - II

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – verbetes, notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Neste artigo (como em diversos anteriores), apresento mais uma amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes e, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

Assanhado – mudança de significado

Um fenômeno relativamente frequente na vida das palavras e das expressões é que, com o passar do tempo, seu sentido original é estendido a um outro e, após algumas décadas de convívio, esse outro acabe por ser o sentido principal ou até único, desbancando aquele que era primordial.

Foi o que aconteceu ao longo de um século e meio, por exemplo, com “bater papo”, hoje entendido como conversa amena, amigável e descontraída, mas que já teve outros surpreendentes sentidos, como o de falar mal, discutir, prevalecer e bater boca, na primeira metade do século 20.

O mesmo se deu com a palavra “assanhado”, originalmente significando simplesmente “enfurecido”, sentido hoje desbancado por “aquele que toma ou permite certas liberdades eróticas; namorador, fogoso” (Houaiss). Claro que a interface que

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

permitiu a extensão do uso da palavra fica por conta da presença da fogosidade, subentendida nas duas acepções do vocábulo.

Soam estranhas hoje expressões que empregavam o sentido primitivo, como “ondas assanhadas”, “mar assanhado” e “multidão assanhada”. A exceção, como expressão remanescente, muito antiga, é a do temível “gato assanhado” (sempre presente na imprensa brasileira desde 1840).

No sentido oposto, seriam incompreensíveis, no início do século 19, os célebres versos da canção *Mulata assanhada*, de Ataulfo Alves:

Mulatinha assanhada
Que passa com graça, fazendo pirraça
Fingindo inocente
Tirando o sossego da gente

“Assanhado” vem, obviamente, de sanha, fúria, ira, vontade incontrolável, como nas expressões “sanha assassina” e “sanha insaciável”. A primeira aparição de “assanhado” na BN se dá em 1817, exigindo autoridade (“um báculo”) que reprimisse um clérigo ensandecido, que exercia críticas descabidas e exacerbadas:

O Bacullo ainda não tem mão que o reja, e o monstro continua cada vez mais assanhado (“Correio Braziliense”, janeiro 1817).

A partir dos primeiros anos do século 20, convivem as duas acepções, prevalecendo a nova em periódicos jocosos, como o debochado “O Rio-Nú”. E, na segunda metade do século, impõe-se em geral o triunfo do gosto brasileiro pelo sentido picante, que vige até hoje.

Bagunça

Embora Houaiss date essa palavra de 1926, ela já aparece na década anterior: nomeia, por exemplo, blocos de carnaval, como o “Bagunça da Piedade” (“O Imparcial” RJ, 15-02-1917) ou o “Bagunça da Saudade” (“A Rua” RJ, 30-01-1920). Por outros jornais da década de 10, tem-se a impressão de “bagunça” ser originalmente um ritmo ou uma dança. Não tarda a aparecer “bagunceiro” (datação, inexata, em 1926, segundo Houaiss), como o folião “Lord Bagunceiro” do carnaval de 1920 (“Gazeta de Notícias” RJ, 03-02-1920) ou simplesmente significando baderneiro, como no caso de um famoso de um tal Alojamento 25:

Não há “farra” ou “bagunça” em que elle não esteja envolvido (...)
Pedimos ao bagunceiro do 25 que nos contasse uma das suas.
(“D. Quixote” RJ, 16-01-1924)

Batatinha quando nasce

Em meio ao árduo trabalho de garimpo na BN, deparamo-nos com uma preciosidade: o primeiro registro de uma das mais famosas de nossas quadrinhas infantis, *Batatinha quando nasce*, apresentada originalmente em um livro do escritor espanhol Eduardo Perié, datado de 1885.

Em 10 de novembro de 1885, o “Diário de Pernambuco” registra a chegada ao Recife do ilustre “brasilianista” (*avant la lettre*), e pouco depois, em 29 de novembro do mesmo ano, traz nutrida matéria sobre a obra do visitante, então

recém-publicada (antes da Abolição e da República) em Buenos Aires: “A litteratura brasileira nos tempos coloniaes – do seculo XVI ao começo do XIX”.

Em 1889 o mesmo jornal publica, em trechos diários, esse importante livro e nele encontramos uma coleção de 50 quadrinhas populares, assim apresentadas por Perié:

(Insiro aqui) algumas quadras essencialmente nacionaes, cheias de imagens e pensamentos, as quaes revelam melhor que quanto pudessemos dizer, a indole deste povo poeta, impressionavel e sonhador (...) que canta seus amores, seus pezares e suas alegrias em notas tão doces tão sonoras e algumas vezes tão magestosas, que é impossivel deixar de admiral-o
 (“Diario de Pernambuco”, 16-01-1889).

A única que se immortalizou foi a da batatinha, embora algumas tenham sido lembradas escassa e esporadicamente, como as duas que apresento de amostra:

Com pena peguei na penna
com pena para te escrever
a penna cahio da mão
com pena de não de te ver

Se vires a garça branca
pelos ares ir voando,
dirás que são meus olhos
que te vão acompanhando
 (“Diario de Pernambuco”, 16-11-1889)

Finalmente, no dia 19 de novembro de 1889, o mesmo jornal publica nossa quadrinha, que irá prevalecer por um bom tempo:

Batatinha quando nasce
deita rama pelo chão;
mulatinha quando deita
bota a mão no coração.

Claro que parlendas de tradição oral estão sujeitas a muitíssimas variações e não se pode pretender em todo o vasto território nacional um enunciado fixo para os versos, embora o primeiro, “batatinha quando nasce”, tenha resistido incólume nestes 140 anos. Assim, já em 1899, registra-se a variante com “Mariquinha quando dorme” (evitando a repetição de “deita”). Logo populariza-se também uma tentativa de troca de “mulatinha” por “Sinh’ Anninha”.

Por outro lado, muitas das acepções de “deitar” (são 38 no Aurélio) caíram em desuso no Brasil, mas não em Portugal, onde ainda se diz “deitar (jogar) fora” e “deitar (verter) leite no copo”. Daí que, em 18 de dezembro de 1935, o “Correio Paulistano” registre uma nova forma: “esparrama pelo chão”, que viria a se fortalecer no carnaval de 1958 com o sucesso da marchinha “Batatinha quando nasce” (“A Gazeta Esportiva” SP, 25-01-1958), e é o verso ainda hoje mais usual, embora haja sérios concorrentes, como “espalha rama”. Já para “menininha”, muitos têm proposto “mamãezinha”.

Enfim, há hoje muitas variedades de formas alternativas da velha quadrinha.

“Bateu, levou”; “Escreveu não leu, o pau comeu” etc.: futuros feitos com passado

Algumas de nossas expressões em ditos, slogans de publicidade etc. seguem uma aparentemente desconcertante possibilidade gramatical típica das línguas semitas: o uso do passado para expressar o futuro. Um uso peculiar, ligado à concepção do tempo, assim expresso por Aida Hanania:

A peculiar noção árabe de tempo. Como dizia Jamil Almansur Haddad: o árabe vê o passado como um bloco homogêneo e vê o futuro como um bloco homogêneo. O Ocidente faz o contrário: faz essa atomização, essa dissecação, essa separação temporal, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidras, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente. É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. (cit. em LAUAND, Jean **Revelando a Linguagem**. São Paulo: Factash, 2016, p. 22)

A repercussão dessa visão do tempo na gramática é o fato de que o árabe pode valer-se do pretérito até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mero resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para o passado (“Em todo Natal, viajo”); o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede. Em muitos casos, o futuro não aparece como incerto, mas apropria-se da certeza inexorável do passado. E os provérbios bíblicos “Quem semeia ventos, colhe tempestades” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, no original soam: “semeou ventos, colheu tempestades” e “deu aos pobres, emprestou a Deus”. Nessa mesma perspectiva, nós dizemos “Escreveu, não leu, o pau comeu”, “Bateu, levou” etc. (Se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará).

“Escreveu não leu...” – mesmo sem complemento algum – era expressão já usada desde fins do século XIX na BN para indicar que um descuido ou imprudência leva a drásticas consequências desastrosas (e imediatas, como é sugerido pela certeza da inexorabilidade do uso do passado para o futuro nessas formulações). Assim, o “Jornal do Brasil” (RJ, 09-09-1912) adverte para a determinação de aguerridas moças casadoiras: “escreveu, não leu, casou...”. A primeira aparição com complemento rimado dá-se em “O Fluminense” (RJ, 26-08-1885): “Escreveu não leu, perdeu!” Em “O Dia” (PR, 09-10-1925), já nos aproximamos da fórmula atual: “escreveu não leu, lenha desceu!” e o mesmo jornal registra, em 25-08-1931, comentando um jogo de futebol amador que só durara 5 minutos (“depois foi sururu”), o articulista inaugura na BN nossa expressão: “Na varzea é assim. Escreveu não leu... pau comeu!” O “pau comeu” (seguido ou não de “solto”, “à vontade”, “de rijo”, “de verdade” etc.) já era usado para briga e confusão...

Já a expressão “Bateu, levou” popularizou-se a partir de 1990, como bordão ameaçador do então presidente Fernando Collor e de seu porta-voz, Cláudio Humberto.

Nossa apropriação dessa forma semítica do passado-futuro torna-se mais evidente quando nos lembramos de outros tantos exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Neles, o futuro e suas conexões causais aparecem inexoráveis e imediatos, como na velha propaganda dos classificados do Estadão, hoje imitada por diversos outros veículos: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou em: “Tomou Doril, a dor sumiu”, “Achou, ganhou” (utilizada por inúmeros produtos em promoções de prêmios), e a consagrada: “Sedex - mandou, chegou”.

Os agentes de publicidade usam e abusam dessa forma de passado-futuro pois transmite certeza e rapidez, o que no ramo é decisivo, pois como diz a canção da Xuxa: “E ô e ô, bobeou, dançou”.

Uma pequena nota adicional: o “gostava” no português de Portugal. A forma de pretérito imperfeito do indicativo é usada também como futuro do presente ou do pretérito: “Eu gostava era de ver este país sem corrupção alguma”, “eu gostava era de ter uma sinecura e não ficar dez horas por dia atrás de um balcão”. Outro exemplo: em um foro de discussão sobre as reformas do estádio do Braga (Sporting Clube de Braga), na época denominado AXA (a empresa patrocinadora), após reclamações de acessibilidade, dos preços extorsivos dos bares etc. um torcedor vai ao ponto: “Há várias coisas apontadas que podem ser corrigidas ou melhoradas, mas o que eu gostava mesmo era de ver o AXA cheio de braguistas. Aí sim ... poderíamos dizer que somos enormes” (<https://www.superbraga.com/forum/index.php?topic=9587.80>. Acesso em 20-05-22). Uso semelhante aparece na clássica “Marina, morena” de Caymmi, quando o queixoso namorado diz: “Eu já desculpei tanta coisa / Você não arranjava [arranjará, arranjaria, teria arranjado] outro igual”.

Bauru, americano, cachorro quente e outros sanduíches

Uma denúncia do “Diário da Noite”, de 25 de março de 1947 – “Impõe-se o tabelamento dos sanduíches” – traz como subtítulo “A história do ‘Bauru’ e do ‘Americano’”. A matéria nos informa da invenção de alguns sanduíches, em torno do ano de 1944.

A reportagem investe contra os comerciantes gananciosos que, para burlar o tabelamento dos gêneros alimentícios (pela Comissão Estadual de Preços), carregavam manhosamente em abusivos preços dos sanduíches que não estavam incluídos no tabelamento do governo.

É conhecida a história do “bauru” – desde 2018, patrimônio imaterial do Estado de São Paulo – e de sua invenção (cf. p. ex. <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,bauru-vira-patrimonio-imaterial-de-sao-paulo,70002690457>. Acesso em 26-08-2022). O “Diário da Noite” relata, a seu modo, a história desse sanduíche: “lá pelos idos de 1939” [outros falam em 1934, 1936 ou 1937], um acadêmico de direito, que tinha o apelido de Bauru, pediu, em “um bar da Cinelândia”, um sanduíche customizado: queijo quente, presunto [originalmente, rosbife] e tomate. Os colegas foram imitando e a receita se impôs e vige até hoje. Esse sanduíche (“o ‘Bauru’ e seus variantes”) – prossegue o Diário – que hoje custa em torno de Cr\$ 4,00 era vendido – “pasmem”! – em 1942 por Cr\$1,20. E a mesma alta exorbitante atingiu o pão com manteiga, o sanduíche de queijo etc.

A criativa astúcia desses comerciantes levou-os em 1944, a inventarem “novas fórmulas” de sanduíches (o jornal elenca diversos nomes, como Casa Branca, Cubano, Miscelânea etc., hoje totalmente desaparecidos). Um deles, “o ‘Americano’, que é

feito com alguma folha de alface geralmente murcha ou queimada, um pedacinho de presunto e 25 gramas de queijo quente [segundo o jornal, na época, o “americano” ainda não incluía o ovo], custava Cr\$ 2,90. O sanduíche misto quente – presunto, queijo e pão – era vendido a Cr\$ 2,00”. É interessante notar que esta é a primeira referência ao “misto quente” na BN!

Falando em sanduíches, uma curiosidade: as duas primeiras menções a “hot dog” na BN dão-se em 1928, ambas explicando ao leitor que se trata de um sanduíche de salsicha, (“Cinearte” RJ, 06-05-1928; “Diário Nacional” RJ, 17-10-1928). Já o hambúrguer, aparece por primeira vez na BN em 15-08-1953, na coluna de Helena Sangirardi “Lar, doce lar”, da então difundidíssima revista “O Cruzeiro”. A jornalista, famosa também em culinária, ensina a preparar “bife hamburguês”, que ela chama também de “hamburguer”. Em 31-01-1959, a mesma Helena Sangirardi, desta vez para a famosa revista “Manchete”, ensina a fazer hambúrguer (agora já com o nome consolidado e não mais chamado de bife hamburguês). Com a chegada do Bob’s no Rio de Janeiro, “A Tribuna da Imprensa” (05-01-1956) registra a estranheza dos clientes: “Muito freguês do Bob’s (...) deixa de comer o que quer por causa dos nomes. O que tem de bom, tem de nome difícil (...) nomes estrangeiros assim: cheeseburger, hot dog (que muitos não sabem ser o simples cachorro quente), root beer floage e marshmallow”.

Um par de registros adicionais: sanduíche (grafado “sandwich”) e lanche (grafado “lunch”) aparecem na BN já em meados do século XIX:

O amor sem os seus inconvenientes e sem o seu mysterio, he como o Sandwich sem o vinho de Bordeaux. – não serve.
 (“Ostensor Brasileiro”, 1845, ed. 27)

[Falando dos serviços de um hotel de luxo] Das 7 horas da manhã ao meio dia há mesa franca para o almoço de garfo. (...) Do meio dia às 2 horas o lunch (a merenda)
 (“Correio Paulistano”, 10-02-1955).

Bife a cavalo

Desde os tempos do Império, o bife “montado” por ovo(s) frito(s) é conhecido por “bife a cavallo” e é mencionado por primeira vez na BN em 10 de maio de 1884, na “Gazeta de Noticias” (RJ). Na primeira década do século XX, surgem piadas com o bife montado, como a da ilustração do garçom trazendo ao freguês um bife, literalmente, a cavalo (“Tagarela” RJ, 07-11-1902).

Ou jogando com a rapidez do cavalo (em 1901)..:

O Freguez: - Estou com muita pressa... o que deve ser?
O Garçon: - Se está com muita pressa... um bife a cavallo.
 (“Pacotilha” MA, 07-05-1901)

... desbancada em 1908, quando, na piada ilustrada, o garçom diz ao freguês que reclama que pediu bife a cavalo: “- Mas o senhor disse que queria com pressa, trouxe-o de automóvel, patrão” (“Revista da Semana” RJ, 20-12-1908).

Bitolado – ascensão e queda de uma gíria

“Bitolado”, o sujeito “que tem ideias, opiniões ou conhecimentos estreitos, rígidos, limitados, ultrapassados; quadrado, careta” (Houaiss) foi gíria muito usada desde a década de 60. Caída em desuso, a partir de 2010 só há 10 incidências dessa metáfora na BN, a última em 2014, Uma mãe arrependida, para louvar um Colégio Militar diz:

Eu tinha uma visão errada sobre o Colégio Militar: achava que quem entrasse aqui ficaria bitolado”. (“Correio Braziliense”, 03-04-2014).

Mas nem sempre a metáfora das bitolas que impõem largura fixa aos trilhos de uma ferrovia (ou aos antigos filmes de 35, 16 ou 8 mm., etc.), foi usada pejorativamente. Na BN, desde meados do século XIX, bitolado era simplesmente “pautado”, dentro de determinados limites (para o bem, para o mal ou neutro), como, digamos, “minha conduta é bitolada por padrões éticos”, “escrevia versos bitolados pela métrica”. Esse uso se estende até a década de 1960, quando começa a aparecer “bitolado” sem complementos, no sentido de rígido, que vigorará por cerca de 50 anos.

(para xx nenhum) Botar defeito

Hoje a expressão é usada para afirmar a notável qualidade de algo qualquer, invocando possível juízo da referência de excelência na área em questão: minha tia faz um pão de queijo para mineiro nenhum botar defeito; nosso centroavante é um artilheiro para Messi nenhum botar defeito; um rombo no orçamento para partido político nenhum botar defeito etc.

Mas, quando a locução aparece na BN – 22 incidências ao longo de toda a década de 50 – ela se limita a Pernambuco (em sua quase totalidade) e ao Rio Grande do Norte, e em todas as vezes, em sua forma original: “para homem nenhum botar defeito”, dando a entender que terá sido criada – com uma pitada de malícia – para exaltar qualidades do corpo feminino. Mas quando atinge a imprensa, já quase não há esse direcionamento, aplica-se a qualquer área (futebol, comidas etc.). Por exemplo, a primeira referência no “Diário de Pernambuco” (20-12-1953), é para louvar as delícias de certos abacaxis regionais:

... todos magníficos de gosto, cheiro e aspecto. “P’ra homem nenhum botar defeito, como ensina o dito popular.

Na década seguinte, continua notória a supremacia pernambucana no uso da expressão, mas o “Diário Carioca” muda a expressão para “Para nego nenhum botar defeito” e a imprensa do Rio acaba também substituindo “homem” para o caso específico em questão, como em: “o general (...) tem um bom humor para civil nenhum botar defeito” (“Tribuna da Imprensa” RJ, 03-01-1968). A imprensa nordestina ainda resistiu por anos, mas também nela – como em todo o país – essa nova formulação acabou se impondo.

Brazuca

Foi inventada pelos portugueses e era uma contraposição ao nosso “portuga”. É uma dessas palavras inicialmente pejorativas e que acabam por perder sua conotação negativa: haja vista a enorme quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços, tanto no Brasil como em Portugal que têm por nome “Brazuca” (para não falar de que foi o nome escolhido, por imensa maioria, como oficial para a bola da Copa do Mundo FIFA 2014).

A primeira aparição dessa palavra na BN é na revista “O Cruzeiro” de 27-08-1960:

“Brazuca” é o nome que os portugueses dão aos brasileiros em Lisboa. Corresponde, na nossa gíria, ao “Portuga”. Mas disso guardam certa reserva. Quando transpirou o tratamento, riram-se os brasileiros, que gostaram do apelido.

Bullying – palavra nova para antiga realidade

Embora fenômeno existente desde sempre – nas escolas e fora delas –, foi demasiado tardia a incorporação em nossa língua do termo *bullying* – e não dispunhamos de nenhum vernáculo que a expressasse exatamente.

No Estadão, essa palavra somente aparece em 07-02-2004, em matéria sobre o assunto “Caso de adolescente baiano se encaixa no fenômeno conhecido como *bullying*”, por ocasião de uma tragédia em que um rapaz, cansado de sofrer humilhações, matou duas pessoas e feriu três em Remanso (BA).

Na BN, há algumas poucas referências a *bullying* em 2002. Em 02-11-1997 o “Jornal do Brasil” perdeu uma ótima chance de pioneirismo, quando publicou uma página inteira “O trabalho tiranizado” sobre “perseguições”, “humilhações”, “tirania” etc. no trabalho, mas sem se apropriar da palavra, só citando *bullying* em título de obra e no nome da organização inglesa, fontes da reportagem.

Uma tal palavra fazia muita falta, pois nosso pensamento e percepção da realidade dependem, em boa medida, das palavras de que dispomos na linguagem viva e corrente. Como tão bem apontou Fernando Pessoa, numa das “Quadras ao gosto popular”, para o caso da saudade:

Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.

Valem para toda a realidade humana – e para o *bullying* – as considerações sobre a “latência”, que Abraham Moles tece em seu livro *O Kitsch*. Valendo-se de uma metáfora fotográfica, ele fala de uma *revelação* das impressões confusas (Moles, São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 11-12), pelo surgimento de um vocábulo²:

². “Um fator latente... é preciso revelá-lo... como a imagem latente de uma película fotográfica”. (Moles, 1972, p. 11).

O surgimento nas línguas germânicas de um termo preciso para designá-lo [o *Kitsch*] levou-as a uma primeira *tomada de consciência*: através da palavra, o conceito torna-se passível de apreensão, e manipulável... O trajeto científico para conhecer, começa por nomear..

De fato – para continuarmos com o caso do *Kitsch* (e *mutatis mutandis* para o do *bullying*) –, sem a posse da palavra é-nos muito mais difícil enfrentá-lo(s) e mesmo reparar em que há, no fundo, qualquer coisa de comum entre o pinguim da geladeira, o anãozinho do jardim, o quadro de incêndio com cores fosforescentes etc. Sem a palavra, nossa percepção da realidade tende a ser difusa. Dispor da palavra *bullying* é, assim, um primeiro passo para combatê-lo.

Cabra da peste

A primeira aparição dessa expressão na BN é de 1917, dando conta de que “Cabra da Peste” é o nome de uma composição, um tango, incluído no programa de uma apresentação da banda da polícia do Espírito Santo. (“Diário da Manhã” ES, 14-02-1917). Esse fato indica que a expressão já era popular e usada também no sentido de “indivíduo admirado por seu valor, coragem ou outra qualidade” (Houaiss). Além, é claro, do sentido de indivíduo mau, frio e cruel. Logo após a morte de Lampião e Maria Bonita, em uma matéria biográfica sobre a “Rainha do Cangaço”, afirma-se que Maria Bonita exercia sua ascendência sobre cada jagunço da quadrilha:

Aos mais barbaros, mais crueis [Maria Bonita] chamava de “cabra bom”, “cabra da peste”, dava-lhes pancadinhas carinhosas. Aos que se não saíam bem castigava ali nas bochechas – “bicho frouxo”, “gallinha”, covarde etc.
(“Correio do Paraná”, 05-08-1938)

Há formas sinônimas (“cabra bom da peste”, “cabra da *mulesta*”), mas a mais antiga na BN é “cabra macho”, que surge já em 23-04-1877 em “A Província” (PE), quando um personagem, afirmando sua coragem diz: “Eu sou cabra macho”.

Cavalo paraguaio

A metáfora do cavalo paraguaio originou-se no turfe e se tornou muito comum no futebol e na política: o cavalo sai na frente, mas termina entre os últimos. Vale-se do preconceito brasileiro quanto à qualidade dos produtos trazidos do Paraguai. Como por vezes ocorre, as primeiras aparições na BN explicam o sentido da gíria. Surgiu por primeira vez na BN no “Jornal do Dia” (MT, 16-01-1985), na boca de um tancredista que:

ironizava a candidatura de Paulo Maluf dizendo que o deputado é igual a cavalo paraguaio: “só tem saída”.

Essa expressão foi lembrada na Copa América de 1997. O México fez uma apresentação primorosa no primeiro tempo e meteu 2 a 0 no Brasil. Mas o Brasil virou para 3 a 2. Um jornal mexicano estampou uma manchete que iria atravessar os tempos: “*Jugamos como nunca, perdimos como siempre!*”.

“Combinar com os russos”, a verdadeira origem da sentença

Segundo Ruy Castro, criterioso biógrafo de Garrincha, é apócrifa a história que atribui ao Mané a famosa sentença. Em artigo recente – “Sem combinar com os russos”, Folha de S. Paulo, 4 de abril de 2021 – aponta para uma versão confiável datada de 1946:

A poucos minutos do jogo Brasil x URSS pela Copa de 1958, o treinador Vicente Feola deu as últimas instruções: “Garrincha, você recebe a bola e dribla o lateral russo. O quarto-zagueiro virá na cobertura e você o dribla também. Já na linha de fundo, cruze para a área onde Vavá estará livre, porque o zagueiro central terá saído para cobrir o quarto-zagueiro”. Garrincha ouviu e disse: “Tá bem, seu Feola. Mas o senhor combinou com os russos?” Em meu livro “Estrela Solitária - Um Brasileiro Chamado Garrincha”, de 1995, ignorei de propósito essa história. Tinha boas razões para isso. (...)

Mas acabo de saber agora que, um dia, ele [o diálogo] aconteceu. Só que não com Garrincha. E sim com Pipi, ponta-esquerda do Corinthians, em 1946. A cena é a mesma. Antes de um jogo, o treinador José Foquer instruiu-o: “Pipi, ao receber a bola caia para a direita e desloque seu marcador. O zagueiro virá em cima de você. Ou você o dribla e chuta a gol, ou passa ao melhor colocado”. E por aí foi até que Pipi, considerado craque e grande gozador, perguntou-lhe: “Foquer, você conversou com eles pra me deixarem fazer isso?”.

A fonte dessa versão foi Domingos da Guia, glória do futebol e companheiro de Pipi no Corinthians naquele ano. Ele a contou numa crônica para a Última Hora, de 2 de julho de 1957, que Marcelo Dunlop, implacável historiador do Flamengo e do futebol, descobriu e, sem combinar com os russos, me enviou.

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2021/04/sem-combinar-com-os-russos.shtml?origin=folha>. Acesso em 26-08-2022)

Na verdade, o diálogo original remonta a 1935 e ocorreu entre duas famosas personalidades do turfe dos anos 30 e 40: o (então) célebre empresário (proprietário e importador de puros-sangues) Oswaldo Camisa e o jóquei Osmany Coutinho.

O diálogo é narrado jocosamente por “O Imparcial” de 27-07-1935:

O Sr. Oswaldo G. Camisa chamou o jockey Osmany Coutinho, que ia pilotar um dos seus pensionistas e deu a seguinte ordem:

- Porta bem. Colloque-se. E na recta final venha por dentro e vença.

O profissional, que faz cabelos brancos no starter, engoliu duas vezes o ar e gaguejou:

- Ma... mas o se-se-senhor já... já fa-falou com os outros?...

Comes e bebes

Expressão absolutamente *sui generis*, com formas do indicativo substantivadas, que não admitem singular (não cabe “come e bebe”) nem outras flexões das formas verbais que a originaram (“comeis e bebeis” etc.). Chegam a ser impensáveis formas similares correspondentes como, digamos: vou para um “malhas e treinas” na academia, ou para um “relaxas e emagreces” em um spa...

Antiquíssima e sempre presente na BN, sua primeira aparição remonta a 15 de agosto de 1815 no “Idade D’Ouro do Brazil”, primeiro jornal a ser publicado na Província da Bahia, noticiando que houve em Paris um evento (Assembleia Central), para celebrar a votação da nova Constituição, conclui:

Estas funções divertem a plebe de Paris, porque são acompanhados de espectáculos e de comes e bebes gratis.

Houaiss indica que a expressão se refere ao que se come e bebe em reunião festiva, embora modernamente essa característica tenha se afrouxado um pouco: hoje, vários botecos e restaurantes se intitulam precisamente “Comes e Bebes”, claramente sem caráter de festa. O caráter festivo se associa, frequentemente à gratuidade, como no “boca livre” (expressão que chega à BN nos anos 50) das confraternizações de fim de ano das empresas.

(fazer) Corpo mole

Faz corpo mole, a pessoa que por preguiça (ou por sabotagem) enrola, não se esforça, não se empenha em uma tarefa. A expressão é muito antiga e aparece na BN já em 1888:

Nós não contaremos o caso com todas as letras, mesmo porque a policia já sabe d’elle, sómente está fazendo o corpo molle.
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 15-12-1888)

Corre-corre e outras expressões de repetição

A repetição muitas vezes denota intensidade: o falar demasiado é blablablá, nhe-nhe-nhem (falar, falar, falar em tupi), patati patatá ou lero-lero; filme de muito tiro é banguê-banguê; despedida para valer é tchau-tchau; e o cara cheio de si chega chegando, diz “tô que tô” (ou “vamo que vamo”), enfim ele quer porque quer se impor.

A duplicação pode indicar, ademais, um certo descontrole: “a manifestação estava pacífica, mas quando chegou na Paulista começou o quebra-quebra”; “a reunião ia bem, mas quando veio o pessoal do sindicato, aí virou oba-oba”; “o dia da mudança foi um lufa-lufa”; “a saída do estádio estava comportada até que começou o empurra-empurra”; “em época de visita do MEC, a secretaria da faculdade é o maior vuco-vuco”; “tá rolando um zum zum zum, um diz-que-diz que de que vai haver cortes nos salários”.

Para não falar nas maliciosas lepo-lepo (o grande sucesso da banda baiana Psirico no carnaval de 2014), bunga-bunga (ou a “conga-conga” da Gretchen), que evocam também o caráter de descontrole, de pega-pega, de treme-treme, de nheco-nheco, de rala-rala que a repetição em alguns casos indica. O caso de bunga-bunga ficou célebre pelas orgias de Silvio Berlusconi (a expressão tem origem numa antiga piada (que teria sido contada a Berlusconi por Kadafi): um grupo de antropólogos e exploradores na África é aprisionado por uma tribo selvagem e o chefe pergunta se eles preferem a morte ou bunga-bunga (?). Um primeiro membro da expedição pede bunga-bunga e é brutalmente violentado pelos machos da tribo e, em seguida, queimado vivo. Um segundo, pensando que os nativos tinham se equivocado e

entendido “morte”, pede também o bunga-bunga e tem o mesmo destino do primeiro. Então o terceiro pede diretamente a morte e o chefe da tribo diz: “Pedi morte terá morte, mas antes bunga-bunga!”

Outras vezes a ênfase está na mera repetição: pisca-pisca, bilu-bilu, puxa-puxa, chup-chup, cri-cri, pula-pula ou o cai-cai do futebolista manhoso. Em outro estudo já falamos do (pirulito que) bate-bate. Repetições que, por vezes, recolhem onomatopeias como teco-teco, reco-reco, xique-xique ou os pássaros quero-quero e tico-tico. Ou indicam alternância, como em troca-troca ou pingue pongue.

Já o falar infantil tem uma tendência a repetir as sílabas: nos apelidos carinhosos (Juju, Mimi, Dudu, Fafá, Zezé) ou no ambiente familiar (vovó, mamãe, titia) e suas atividades como comer (papá), ou necessidades (pipi, cocô, naná).

A repetição “assim assim” indica indeterminação: não posso dizer que estou bem (não sou nenhum bam bam bam) nem que estou mal: estou assim assim. Como antigamente era frequente a saudação (também de indeterminação): “Ô, Fulano, que bom te rever, vejo que você está cada vez mais cada vez...”

A repetição pode também indicar concordância absoluta, para encerrar um assunto, muito usada na Espanha. Ao alugar um carro no aeroporto de Madri, apliquei uma piada no funcionário que preenchia o formulário. Em dado momento, ele pediu: “- Su permiso para conducir” (“Dê-me sua carteira de motorista”) e respondi tomando a chave do carro e entregando a ele: “Hombre, conduzca, conduzca!” (“Claro, pode dirigir...”)

Já nos evangelhos, Jesus emprega a repetição como forma de carinhosa censura, como que chamando a atenção para algo que esperava do interlocutor e está um pouco decepcionado pela sua falta de sensibilidade. Assim, quando Marta se queixa de que sua irmã Maria não a ajuda no trabalho da casa e fica ouvindo o Mestre, Jesus a repreende: “Marta, Marta, tu te ocupas de muitas coisas, mas só uma é necessária” (Lc 10, 41). E ante Jerusalém, que não sabe corresponder a seu amor: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes eu quis reunir teus filhos... mas tu não quiseste” (Mt 23, 37). E a Saulo, que antes de se converter perseguia os cristãos: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At, 9, 4).

Caberiam muitos outros casos, mas detenho-me aqui, pois esta tarefa não rende dindim e os exemplos acima já são mais do que suficientes para mostrar que brincando brincando, a repetição pode sutilmente indicar diversas realidades.

Desde criancinha (torço para o River Plate)

Torcer envolve muitas piadinhas e sarcasmos no futebol, como a de, nas transmissões da Rede Globo, votar, para “Craque do Jogo”, no jogador que afundou o time (o adversário ou mesmo o próprio): o goleiro que tomou um frangoço, o cara do gol contra ou o atacante que perdeu gols feitos.

Hoje, entre as ironias mais difundidas – e até consagradas – está a da expressão que dá o título a este verbete. Como sabemos desde Nelson Rodrigues, torcer é mais sobre ódio do que sobre amor e, não confessadamente, talvez muitos até saboreiem mais ver o desastre do rival do que o triunfo do próprio time.

Em todo caso, não existe isso de “o Corinthians, agora, é o Brasil na Libertadores”: o torcedor palmeirense vibrará ardorosamente pelo River Plate se este estiver enfrentando o Corinthians naquele campeonato sul-americano. E vice-versa: corintianos torcerão pelo River contra o Palmeiras. O mesmo acontece entre

torcedores do Internacional e do Grêmio, no Rio Grande do Sul, e entre torcedores do Flamengo e do Fluminense, no Rio de Janeiro, por exemplo.

“Desde criancinha” era uma forma muito comum na imprensa esportiva de antigamente para designar inocentemente alguém famoso como fiel torcedor de determinado time: “Ary Barroso é Flamengo desde criancinha”, “Jô Soares é Fluminense desde criancinha”.

No nosso século, porém, a expressão foi ganhando, cada vez mais, um sentido irônico do torcedor, que assume, indireta e “mal disfarçadamente”, que se declara francamente a favor do adversário do rival (e até compra fogos para comemorar). Só que, para “encobrir” essa manifesta preferência e não declarar formalmente que é “do contra”, dirá ironicamente: “É que minha avó era argentina e eu sou River Plate desde criancinha”.

É muito difícil datar o surgimento dessa fórmula zombeteira, mas ela aparece já no carioca “Jornal dos Sports”, em 1º de julho de 1993, quando Mário Neto, a propósito de um jogo decisivo entre Argentina e Colômbia, confessa: “Mas, aqui entre nós, sou Colômbia desde criancinha” (o mesmo articulista, no mesmo jornal, volta a usar sarcástica expressão em 21 de abril de 1994).

Desgraça pouca é bobagem

É um fato empírico que o realismo dos provérbios frequentemente pende para o pessimismo, pela necessidade que têm seus cultores de alertar os mais jovens de que a vida está mais para vale de lágrimas do que para mar de rosas, porque o infortúnio é mais perceptível do que a sorte (a lei de Murphy não contempla os felizes motoristas da outra fila, a que sempre anda mais rápido) ou simplesmente porque os anônimos que criam os provérbios estão convencidos de que o copo está mesmo é meio vazio.

Afinal, o pessimismo do Velho do Restelo decorre de seu “saber só de experiências feito”.

Seja como for, é muito frequente e arraigada a convicção de que “desgraça pouca é bobagem”, expressão que surge na BN já em 1876 (“Constituição”, PA, 21-08-1876) e, desde então, é muito comum na nossa imprensa, onde encontramos também formulações alternativas como “desgraça nunca vem desacompanhada” e “desgraça não anda sozinha”.

Não contemplado pela nossa “desgraça pouca é bobagem”, costuma haver um fator adicional, o caráter inesperado da nova desgraça que se junta à anterior, como por exemplo: “Logo depois de ter sido despedido, ao sair da firma, vi que meu carro tinha um pneu furado”.

Quem disse que “pior do que está não fica”?

Devo, não nego, pago quando puder

Em 3 de agosto de 2021, o ministro da Economia Paulo Guedes assustou os investidores:

“Pago quando puder” de Guedes amplia temor de investidores

O ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a defender ontem o pagamento parcelado dos precatórios, valores devidos após sentença

definitiva na Justiça. E, para tentar refutar a ideia de calote, ele usou uma expressão popular: “Devo, não nego; pagarei assim que puder”. (“O Estado de S. Paulo”, 04-08-2021, manchete de capa).

E é que mesmo o ministro afirmando categoricamente que “não haverá calote”, em um país de inadimplências e golpes, a expressão “devo, não nego...”, sesquicentenária na BN, é desde seu surgimento, usada muito frequentemente como a implícita ameaça de puro e simples não pagamento, ou na tradução jocosa: “Devo, não pago, nego enquanto puder”.

Já em sua primeira aparição na BN, vem em uma caricatura de calote com legenda de forma rimada: “Devo, não nego; terei / Quando tiver, pagarei” (“A Comedia Popular” RJ, 28-03-1878).

Como quase sinônima de “pendura”, “prego” e calote, não é raro encontrar a expressão em manchetes de ocorrências policiais, como as de “A Noite” (RJ), respectivamente de 06-10-1930 e 04-11-1940:

Outra forma clássica, jocosa e rimada de anunciar calote era mandar “pôr na conta do Abreu...” (“...se ele não pagar, nem eu”).

Embaixadinha

Começou como mera brincadeira de exibição de talento e de autoafirmação no futebol. Hoje, é coisa séria e valorizada e diversas entidades promovem campeonatos de embaixadinha. O brasileiro Ricardo da Silva Neves, nos dias 13 e 14 de novembro de 2021, quebrou o recorde mundial, fazendo embaixadinhas por 34 horas e cinco minutos sem deixar a bola cair (<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/18/reconde-mundial-embaixadinhas.htm>. Acesso em 26-08-2022).

A gracinha acrobática aparece por primeira vez na BN em 1971. Paulo César, do Botafogo, desolado chora na beira do gramado a perda do título para o Fluminense, logo ele que “Ali, exatamente ali, [onde] êle fêz, num jôgo contra o Vasco, uma embaixadinha humilhante” (“Correio da Manhã” RJ, 29-06-1971).

Engraçado (em um sentido que se perdeu)

No Brasil, o uso de “engraçado” é, em geral, para qualificar algo como cômico, divertido ou jocoso. Na imprensa do século XIX, a palavra é empregada também no sentido de gracioso, belo, bom ou atraente, uso que se preserva em Portugal. Assim, se disséssemos no Brasil que comemos “um almoço engraçado”, a interpretação seria a de que o prato traria alguma brincadeira, como a de os ingredientes compondo a face de um animal (por exemplo: mini-hambúrgueres como olhos, um croquete para o nariz etc.). Em Portugal, porém, seria simplesmente um almoço bom e saboroso, talvez diferente e original. O Tripadvisor tem páginas sobre “almoços engraçados” em Lisboa³.

Antes de provincianamente estranharmos esse “engraçado” modo luso de dizer, lembremo-nos de que semanticamente está perfeitamente legitimado (a palavra “graça” não é unívoca), o que se torna evidente quando, no sentido contrário, falamos

³ Por exemplo, em www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g189158-d1791439-r441541148-A_Parte-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html.

de um prato (ou vestimenta, viagem etc.) “sem graça”, o que não tem nada que ver com risadas. E recordemos também que, no Brasil, esteve vigente por muito tempo esse sentido, antes de “engraçado” quase especializar-se no âmbito do cômico.

Assim, na BN encontramos muitos casos como este:

Não sabeis, bella Senhora,
Como vos fico obrigado
Pelo almoço engraçado
(“A Marmota na Corte” RJ, 30-07-1852)

O “Correio das Modas” (RJ, 23-02-1839) indica que, para acompanhar as toucas, as senhoras elegantes devem usar vestidos “singelos e bonitos” e “sôbre o vestido um engraçado avental”.

No “Museo Universal” (RJ, 28-09-1839), o articulista escreve sobre uma bela moça que desceu da montaria e, com a orla de seu vestido presa na sela, deixou ver “a mais bem feita perna do mundo, o peito do pé mais delicado e engraçado”.

Assim como “sem graça” é a rotina, a mesmice, “engraçado” já há muito tempo pode ser usado também no sentido de intrigante, surpreendente, curioso, como quando se diz (e é verdade) “é engraçado que essa acepção não está registrada no Houaiss nem no Aurélio”. Ou quando se fala, como na canção de Vinicius de Moraes, da uma “casa muito engraçada”, que “não tinha teto, não tinha nada”. E em matéria jornalística a propósito das hostilidades entre Rússia e Turquia:

O que acho porém engraçado, é que as potencias estejam a exigir affagos entre dois exercitos que só procuram destroçar um o outro (“Revista Illustrada” RJ, 06-10-1877).

Entrar pelo cano

Dar-se mal. A primeira aparição (com as aspas para expressão recém-nascida) na BN é no “Mundo Esportivo” (RJ, 31-01-1956), falando sobre os infortúnios dos paranaenses nas corridas de cavalo:

Temos visto muitos paranaenses “entrar pelo cano”.

Há indícios de que a expressão é a abreviação de uma formulação mais longa, como a que aparece no “Jornal dos Sports” (RJ, 07-01-1959):

Caso a moça diga sim, o Edgard vai entrar pelo “cano de descarga”.

Era (só) o que faltava

“Era o que faltava”, “era só o que (me) faltava”, “só faltava essa”, são variantes de desabafo de quem julgava já ter sofrido todas as adversidades, revezes e já conhecido todas as perplexidades mas, de repente é surpreendido por mais uma: era o que faltava! Essa sensação de que a maldade é interminável (e criativa) tem sido usada continuamente ao longo dos duzentos anos de imprensa nacional na BN: aparece por primeira vez em 21-02-1823, em “O Espelho” (RJ):

“Oh! Então havíamos de estar em Lisboa a trabalhar para o Estado á nossa custa? Isso era o que faltava!”

Espertos, espertinhos, espertalhões

Se “esperto” (etimologicamente: desperto) é qualidade positiva de quem é inteligente, perspicaz, atento ou ligeiro, pode também ser empregado no sentido negativo de “espertalhão” (que utiliza meios pouco honestos; trai a confiança dos outros – Houaiss) ou “espertinho” (que quer bancar o esperto – Houaiss). Infelizmente, ainda está muito arraigada em nossa cultura a valorização da “esperteza”, da malandragem, do “levar vantagem em tudo” (“o brasileiro é que é *ishperto*, os outros são trouxas”). Tudo isso encontra-se na imprensa brasileira já desde seus primórdios.

“Esperto” aparece na BN em 1813, no bom sentido: referindo-se a um diplomata russo “esperto e sabido” que previra o desastre de Napoleão na campanha da Rússia (“Idade D’Ouro do Brasil” BA, 04-05-1813). Em janeiro do mesmo ano, “esperto” tinha sido empregado como verbo em “O Patriota” (RJ), no sentido de despertar, avivar o fogo: “Misturo bem o carvão (...) e então esperto o fogo”. Também muito cedo ocorre no sentido pejorativo:

(...) Que cada hum faça por ser mais socarrão, esperto e gerigote, e andem as embaçadellas na ordem do dia. (“O Carapuceiro”, 21-04-1838).

Na década de 1820 já aparece “espertinho”: “E tão espertinho, tão resvaladiço, cahiste na ratoeira” (“Diario de Pernambuco”, 09-11-1829). E, na mesma década, também “espertalhão”: “o secretario Antonio Pereira Rebouças (...) bonifrates e espertalhão por natureza” (“O Spectador Brasileiro” RJ, 20-09-1824).

Também “esperteza” não só hoje, mas também na época, já era na maior parte das vezes considerada em sentido negativo: “os anarchistas nada sabem de cambios, nem conhecem a esperteza, ou velhacaria dos Inglezes” (“Astrea” RJ, 08-08-1826).

Espírito de porco

De 1872 a 1930 “espírito de porco” (por vezes só “espírito porco”) aparece poucas vezes na BN e apenas com o sentido genérico de grosseiro, rude e tosco. Só no começo dos anos 30, aparece com seu significado mais específico atual: desmancha-prazeres, “do contra” ou alguém que cria situações embaraçosas, ou agrava as já existentes. Desde então, a expressão populariza-se cada vez mais.

Assim, em 24-01-1933, o “Jornal do Brasil” relata que durante um almoço festivo oferecido em homenagem ao JB:

Os momentos vividos foram os mais agradáveis, embora um “espírito de porco” tentasse prejudicar a sadia alegria reinante, no que foi impedido pela energica directoria [que o expulsou do local].

No mesmo JB, em 02-12-1933:

Não dêis importância ao que diz o Lorota. Aquele camarada é “espírito de porco”. Vive para contrariar a gente.

A revista “Careta” chegou mesmo a ter um quadrinho “Espírito de Porco” (uma espécie de “Amigo da Onça”).

Fezinha (fazer uma)

“Fazer uma fezinha” é a versão miúda da compulsão por apostas, desde sempre arraigada no Brasil: “arriscar timidamente um palpite em determinado jogo popular” (Houaiss). A expressão é muito antiga e aparece em “Distracção” (RJ, 19-02-1887), num desafio de apostas para o jogo de damas.

A expressão irá se expandir e consolidar, cinco anos depois, quando encontrar seu habitat natural com o advento do jogo do bicho, o reino da “fezinha” por excelência. Para além do mero palpite, o bicho aciona um outro elemento muito caro ao brasileiro: o de sentir-se privilegiado destinatário de uma iluminação especial – vinda de uma “outra dimensão”, especialmente por meio de sonhos –, que lhe comunica a aposta vitoriosa, desde que interprete corretamente o prognóstico recebido.

Assim, desde seu surgimento e até hoje, encontramos oráculos que orientam nesse sentido. Já em 1896, a “Gazeta de Noticias” (RJ, 21-05-1896) noticia:

Ha senhoras (...) que traduzem em bichos o que sonham, que tiram palpite do que lêem nos jornaes, das conversas em que tomam parte, dos menores accidentes da vida, e compram dez tostões na cobra, cinco mil réis no camello, e ainda fazem uma fézinha no jacaré.

E *O Rio-Nú* (RJ, 18-03-1908) oferece todo um compêndio nesse sentido:

Quando por acaso fores andando por uma rua, e de repente sentires vontade de olhar para traz, é certo dar o Macaco ou o Jacaré (...)
Si alguém te pedir dinheiro emprestado logo pela manhã, cêrca o Urso que é certo, ou mesmo a Cobra; e si ao acordar sentires uma certa dormencia na perna ou no braço, não tens que escolher, é Leão pela certa. (...)
Si durante a noite tiveres tido sonhos horripilantes (...) fazer uma fezinha nos bichos seguintes (imagens do Leão, Cabra, Tigre e Elefante).

Atualmente, aproveitando “brechas” na legislação, a velha e boa fezinha deu lugar ao esmagador *boom* de apostas esportivas, os glamourizados sites de “bet”, cujas logomarcas estão em muitas camisas dos times das séries A e B e fazem publicidade esmagadora na TV e na mídia em geral.

Frangueiro

“Vida e drama dos arqueiros – Responsáveis pelas derrotas e esquecido nas vitórias – o “frango” é o único ‘bicho’ [alusão à gratificação] que lhe toca sempre” é o título do artigo de Fernando Pimentel na edição de natal de 1934 da revista “Guanabara”. O título já diz tudo: é ingrato ser goleiro. Nessa matéria aparece, pela primeira vez na BN, “frangueiro” e um sinônimo da época “peneira”. Se o time ganha, diz o articulista, seu mérito não é devidamente reconhecido; se a equipe perde:

Valha-me Deus! O pobre do goal-keeper é sempre o primeiro e talvez o único culpado.

- “É um frangeiro”, diz alguém. - “Peneira”, grita outro; e o infeliz sofre as maiores humilhações.

Hoje caído em desuso, “peneira” era sinônimo – por razões óbvias – de “frangeiro”. Ainda em 1944, o caricaturista usa “peneira” para expressar que até o legendário Oberdan Cattani, um dos maiores goleiros da história do Palmeiras, teve um dia de frangeiro (“Esporte Ilustrado” RJ, 06-01-1944).

O artigo de Pimentel informa-nos de mais uma gíria da época: o goleiro, sempre injustiçado, pode fazer milagres e defesas que:

Haverá sempre alguém para dizer baixinho ou em voz alta: - “Puxa, que LEITERIA! [sorte, pura sorte]”.

Freud explica

Nem sempre é fácil atinar com os motivos de uma ação de alguém. Ante um ato imprevisto, sem razoabilidade aparente, expressamos nossa surpresa ou perplexidade com expressões como: “eu sei lá”, “vai saber?”, “vai entender?” etc. Ou, recorrendo aos clássicos, aludimos às cegas “razões do coração”, “que a própria razão desconhece” (Pascal); ou ao mistério que se impõe à condição humana: “há muito mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia” (Shakespeare).

Com o advento da psicanálise, popularizou-se (e até vulgarizou-se) a expressão “Freud explica”, esta com uma ponta de jocosidade, ironia e malícia. Sim, agora temos uma possibilidade de explicação, para além do nível consciente, que é a chave para decifrar comportamentos aparentemente infundados... Nesse sentido, Nelson Rodrigues costumava recordar um personagem que conhecera:

Na minha adolescência [final da década de 20], conheci um comissário de Polícia que fez, de Freud, pau para toda obra. Se a galinha pulava a cerca do vizinho, ou se o caçula enfiava o dedo no nariz, dizia a autoridade: – “Freud explica isso”. Bom tempo, em que Freud explicava tudo. Pois eu diria que só Freud poderia talvez explicar o afã destrutivo de meus colegas. (RJ, “Jornal dos Sports”, 15-07-1967).

Inicialmente, não era uma expressão feita e exigia objeto direto. Aparece na BN já em 1920, em uma crítica teatral, referindo-se ao traumatismo de uma personagem:

À luz dos conhecimentos modernos a genial doutrina de Freud explica exuberantemente este caso pathológico. (“Palcos e telas” RJ, 08-04-1920)

Quanto ao uso da expressão, seu auge de moda é de 1990 a 1999, quando a BN registra 495 incidências e no Estadão temos o pico de 131, caindo nos anos seguintes (em 2015 e 2019 chegando a zero aparições no Estadão).

Já a jocosa “nem Freud explica”, surge na BN em 1950 (“O Carioca”, 7-12-1950) e após 84 aparições nos anos 90, decai e nos anos 2010 conta somente com poucas 11 incidências.

Na mesma linha de “nem Freud explica”, no pensamento de Pascal sobre as “razões que a própria razão desconhece” o coração é, na imprensa brasileira, substituído por diversas outras caprichosas instâncias: “a máquina fiscal” (“Manchete”, 1954), “a moda” (“O Pasquim”, 1981), “o cinema” (“Jornal dos Sports”, 1960), “a burocracia” (“O Cruzeiro”, 1951) etc.

Do mesmo modo a sentença shakesperiana das “muito mais coisas entre o céu e a terra” é usada não só para a nossa vã filosofia, mas também para as misteriosas: organização do “GP de F1 do Brasil – 1987” (“Jornal dos Sports”, 1986), “contas telefônicas abusivas” (“Jornal do Brasil”, 1982), “situação pré-eleitoral do Brasil” (“Tribuna da Imprensa”, 2005) etc.

Gambiarra

“Gambiarra” é uma daquelas palavras cujo sentido metafórico e derivado acaba por prevalecer sobre o sentido próprio e original.

É uma palavra antiga que tem designado (em seu sentido próprio) alguns tipos de equipamentos de iluminação, especialmente em teatros. Sua primeira aparição na BN é em 1857 em um anúncio do “Jornal do Commercio” (RJ):

VENDE-SE uma iluminação de theatro em bom uso, com gambiarra e pertences, própria para algum theatro de provincia ou interior; na rua de Santa Anna n.55

Chegou a ser até metonímia de teatro; “À luz da Gambiarra” era a coluna de Teatro de “O Malho”, no começo do século XX.

Até a era das lâmpadas elétricas, a gambiarra era a gás, como, por exemplo, a enorme gambiarra anunciada pelo “Congresso Gymnastico Portuguez”, para a cerimônia de benção de seu estandarte (“Jornal do Commercio” RJ, 21-02-1875).

Com o advento da luz elétrica, “gambiarra”, hoje, tem 3 significados técnicos, todos ligados à iluminação: “lâmpada instalada na extremidade dum comprido cabo elétrico para poder ser utilizada numa área relativamente grande”, “rosário de lâmpadas com que se iluminam fortemente determinados locais, quando necessário” e “rampa de luzes e/ou refletores, de cores variadas, situada ao lado de outras, ou na parte anterior do urdimento, acima da ribalta, ou no teto da plateia, a alguns metros de distância do palco”.

Para além desses significados técnicos, “gambiarra” é muitíssimo mais usada atualmente na linguagem popular para objetivações do “jeitinho” brasileiro (/malandragem brasileira): “recurso geralmente provisório para solucionar um problema” (Aurélio, pop.) ou “extensão puxada fraudulentamente para furtar energia elétrica; gato” (Houaiss, uso informal). Assim, das 105 incidências de “gambiarra” no Estadão (de 01-01-2017 a 20-07-2021) – a imensa maioria referindo-se à manobras políticas ou jurídicas –, apenas uma (12-08-2018) é no sentido próprio e original de iluminação de ambientes...

Ganhar no grito

A primeira ocorrência da expressão na BN dá-se em “A Noite” de 18-05-1950, comentando o jogo Brasil x Uruguai, no qual conquistamos a “Taça Rio Branco”, vencendo por 1x0. Nosso goleiro reclamou:

Eles queriam ganhar no grito. Fizeram tudo que era possível. Será que nem dentro de nossa casa? É bom que o público calcule como são as coisas lá fora.

Nesses primeiros tempos, a expressão não tinha ainda o significado preciso de hoje: querer influenciar as decisões do árbitro por meio de reclamações insistentes e veementes. No exemplo acima, a queixa refere-se antes à violência do adversário em campo. E Armando Nogueira, celebrando a conquista da Jules Rimet em 1958, diz que ela se deveu a que nossos jogadores decidiram:

“Vamos ganhar no grito”. Ganhar no grito quer dizer, ganhar na raça, ganhar no peito, na moral, no coração – vencer, custe o que custar.
(“O Cruzeiro” RJ, 19-07-1958).

No ano seguinte, Bellini, capitão da seleção, conta que no meio do jogo, advertiu (e ameaçou...) o colega chileno contra o jogo violento por eles praticado. E justifica:

Se deixarmos as coisas como estão, daqui a pouco querem ganhar no grito o jogo contra a gente.
(“O Jornal” RJ, 17-03-1959).

Ganhou, mas não levou...

Essa frase feita é mais antiga e usada (principalmente para o futebol -1920- e outros esportes)– do que se possa imaginar. Assim, “O Imparcial” (RJ, 04-05-1920) sob o título “Ganhou mas... não levou”, informa que o América perdeu os pontos que tinha ganhado no “match” contra o Palmeiras, porque Pedro Martins jogou “sem a devida inscrição”.

A primeira ocorrência da expressão na BN, contudo, dá-se em 1915, por conta de um golpe de um vendedor de bilhetes de loteria: o incauto “Ganhou... mas não levou” (“A Noite” RJ, 3-10-1915).

A vítima tinha comprado um bilhete e, sem saber que tinha sido premiado, foi falsamente informado pelo vendedor de que seu bilhete só tinha alcançado um pequeno prêmio: o de troca por outro bilhete para a próxima extração. Ingenuamente, ele aceita a proposta de troca do vendedor e, claro, o malandro desaparece com o bilhete premiado.

Hanseníase – um requinte da delicadeza brasileira

Uma das mais notáveis e encantadoras singularidades nossas, o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”. O site da Câmara dos Deputados recolhe o depoimento de uma prestigiosa dermatologista:

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Maria Leide de

Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina – a lepra é a doença mais citada na Bíblia.⁴

Foi a sensibilidade, o cuidado para com a pessoa, que levou a linguagem brasileira a alterar para Aids a sigla de outra estigmatizadora doença, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida.

No caso da lepra, porém, a citada professora Maria Leide de Oliveira, na mesma entrevista, aponta o outro lado, as disfunções da ternura eufemística brasileira:

Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer.

(é da) Hora

É significativo do espírito da “língua brasileira” que “da hora”, o novo, signifique aquilo que é bom. Mas essa gíria (relativamente recente) traz outra importante contribuição. Em outros estudos, tenho analisado a forte tendência do brasileiro para a indeterminação, em todos os aspectos da vida (cf. p. ex. <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>. Acesso em 26-08-2022). Essa busca da indeterminação afeta também nosso modo de lidar com o tempo, como expressa a nossa gíria acima. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do “estrangeiro” (paulista, por exemplo) em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

“Da hora” foi consagrada pelo hit “Pelados em Santos”, clássico do rock cômico dos Mamonas Assassinas: “Mina, seus cabelo é da hora!”. A irreverência dos jovens suburbanos não perdoou sequer a versão que fizeram “for export”, “Desnudos em Cancún”, puro *nonsense* em espanhol: “Chica, tus cabellos es da hora...”!

Já deu o que tinha que (/de /a) dar

Ainda hoje muito usada – para indicar, obviamente, o término, esgotamento, fim de um ciclo de algo – essa expressão é muito antiga, mais do que sesquicentenária, e aparece na BN já em 1869, em “O Estandarte” de Cachoeiro de Itapemirim, que noticia um encontro internacional de chapeleiros, no qual:

⁴ Câmara Notícias, 2012. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>.

Trata-se de achar uma nova forma de chapéo para os homens. O cano de chaminé já deu o que tinha de dar (07-01-1869).

Também muito antigos são os trocadilhos a que se presta: em uma piada de 1881, ao ouvir de um amigo que se gabara de ter lhe servido uma taça de um “vinho generoso”, o interlocutor responde: “sim, tão generoso, que já deu tudo o que tinha a dar” (“Revista da Semana” RJ, 02-06-1901).

E nesses primeiros anos do século XX, o debochado e libidinoso “O Rio-Nú”, usa e abusa de piadas e insinuações de duplo sentido, em torno a essa expressão. como por exemplo:

- Vovó cá tem [eu te trouxe] a sua boceta de rapé. Quanto tempo tem ella?
- Sessenta annos. Porque?
- Por isso é que o Juca disse que ella já deu o que tinha a dar (30-10-1907)

Além do fatídico verbo “dar” (“deu o que tinha que dar”) a piada acima joga com o duplo sentido de “boceta”, à época, uma caixa para guardar pequenos objetos: “boceta de rapé”, “boceta de confeitos” etc.

Não é de surpreender que, por essas e por outras, “boceta” iria acabar perdendo seu sentido de caixa para passar a significar apenas “vulva”. A título de curiosidade, registramos que já em 1906 a Odeon lança em disco, para Casa Edison, a safada cançoneta “A boceta de rapé”, também sobre “a boceta da vovó”: <https://www.youtube.com/watch?v=S6legdy1fCM> (acesso em 28-10-2021). Como se vê, é muito arraigada no Brasil a tradição de jocosidades de duplo sentido, mais ou menos engenhosas.

Lindo de morrer

A expressão surge na BN em em 17-11-1963, na coluna “Os Zés” de Sylvan Paezzo – conhecido autor de teledramaturgia – no “Correio da Manhã”: “De repente: zip! M. viu algo no céu lindo de morrer”. Em 1965, essa expressão intensiva ganha muita popularidade na imprensa.

Mas por conta de tabu com a palavra “morrer”, logo (1968) recebeu uma proposta de substituição na BN, em colunas sociais, por “lindo de viver”, que ganharia os anúncios de venda ou aluguel de imóveis. E a grande promotora de “lindo de viver” foi Hebe Camargo, que repetia o bordão à exaustão, pensando assim em reafirmar seu amor à vida... mas sem reparar que a nova forma não funcionava bem (do mesmo modo que não se pode substituir, digamos, “morrer de rir” por “viver de rir”).

Hoje, ambas as expressões estão em declínio: as últimas aparições de “lindo de viver” no Estadão foram em 2013, todas em anúncios imobiliários. No mesmo jornal, “lindo de morrer” vai escasseando, até uma última e isolada aparição em 2014. E praticamente o mesmo dá-se com as incidências das expressões na BN em geral.

“Lindo de morrer (/viver)” não manteve seu vigor nem por 50 anos...

Longo e tenebroso inverno / luz no fim do túnel

É um dos tantos floreios, que podem se adicionar à fala para efeito de ênfase ou jocosidade (até que se tornem enjoativos e caiam em desuso). Substitui-se: “longo tempo” (de penúria), por “depois de um longo e tenebroso inverno”; “resumo”, por “resumo da ópera”; “portuguesa” (linguiça, festa, sardinha, final de futebol, pizza

etc.), por “portuguesa com certeza”; acrescenta-se “como diria Jack, o estripador” a “vamos por partes” etc. Naturalmente, os jovens que ouvem ou usam essas expressões não têm conexão com sua origem histórica: a maioria nem sabe o que é um libreto de ópera; nunca ouviram “Uma casa portuguesa” – celeberrima canção de 1953, da divina Amália Rodrigues (também ela lhes é desconhecida), cujo refrão era “É uma casa portuguesa, como certeza; é com certeza uma casa portuguesa”; desconhecem “Jack the Ripper”. E não têm a mínima ideia de que raios de inverno é longo e tenebroso.

Essa expressão é um verso do soneto “Visita à casa paterna”, publicado em 1876, pelo poeta Luís Guimarães Júnior:

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno.

O poema foi bem acolhido na época e reproduzido em diversos periódicos da BN, no século XIX. Incluído em antologias escolares teve seu auge em meados do século XX.

A expressão começa a aparecer solta, a partir da década de 40, destacada do soneto, como rodeio jocoso para expressar uma recuperação após “longo tempo”: “Depois de um longo e tenebroso inverno, o centroavante voltou a marcar gols no jogo de ontem” ou “A Bolsa voltou a subir, depois de um longo...”. O uso estende-se pelas décadas de 50 a 80 e depois entra em declínio e vai minguando até a última aparição na BN em 2013. À medida que vai encerrando seu ciclo, a expressão vai dando lugar a uma como que substituta: “luz no fim do túnel”, metáfora tomada do inglês (“*light at the end of the tunnel*”).

Medidas e Dosagens

Uma das grandes dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira (e também da materna), sobretudo no escrever e falar, reside no fato de que há sintagmas, associações de palavras – em alguns casos, autênticos clichês – formas concretas de expressão – mais ou menos fixas do ponto de vista da correção ou da estética – que multiplicam a necessidade de memorização, desnecessária se trabalhássemos só com a uniformidade (e pobreza...) do caso geral.

Assim, por exemplo, o geral “unidade” dá lugar a mil ocorrências distintas, quando se desce ao particular: nos casos concretos falamos em “cabeças” de gado, “pés” de alface, “partidas” de futebol, “peças de teatro” etc. e não cabe empregar: “unidades de gado”, “unidades de alface”, “unidades de futebol”, “unidades de teatro” etc., embora do ponto de vista do significado, “cabeças”, “pés”, “partidas” e “peças”, no caso, signifiquem, precisamente, “unidades”.

Naturalmente, cada língua tem suas formas de associação nessas composições e, por exemplo, enquanto nós fazemos um cheque ou compomos uma canção, o inglês “escreve” (*write*) um cheque e “escreve” uma canção. Mesmo que seja para sempre (e até antes da lei do divórcio) na Espanha, se uma pessoa é casada, diz-se “*está casada*” (sem nenhuma alusão de provisoriedade) e o francês usa o *faire* até no sentido de “dizer”. “Preste atenção” tem seus correspondentes em “*Fait Attention*”, “*Pay attention*”, “*Estate atento*”...

O fenômeno é muito mais extenso do que, à primeira vista, supomos e para, de algum modo, verificar isto, felizmente, o estudioso de hoje dispõe de um sensor de uso de tal ou qual expressão: o Google (ou alguma outra ferramenta de busca na Internet). Quando lançamos uma sequência de palavras no box de busca – apesar de todas as imprecisões – o Google, ao indicar em quantos sites da rede aquela sequência de palavras aparece, pode nos dar uma boa ideia da vigência e atualidade de seu uso. Por

exemplo, procurando no Google (em 23-05-2022) a expressão “usar leque” encontramos exíguas 474 ocorrências (claro, há jovens que nunca viram um leque), enquanto “ligar o ar condicionado” tem 147000.

A título de exemplo, faremos em alguns casos, buscas no Google e indicaremos as ocorrências pelo número entre parênteses. Os acessos deste artigo são de 23-05-2022.

Procurando avaliar, dizíamos, a extensão do fenômeno do desdobramento concreto, tomemos o unitário abstrato: “pouco”, para quantidade ou intensidade (em algumas expressões, esses desdobramentos serão preferentemente negativos, como, por exemplo: “ele não tem um *pingo* de vergonha na cara”). Para começar, consideremos o caso de uma dúvida, ideia ou lembrança pouco intensas. Neste caso, falaremos de “sombra de dúvida” (712.000), “pálida ideia” (23.200) e “vaga lembrança” (34.800).

Certamente, todos entenderiam se eu dissesse “pálida lembrança”, “pálida dúvida” ou “sombra de lembrança”, mas o uso recomenda as formas do parágrafo anterior; cabem também “vaga ideia” e, no caso de “noção”, “vaga noção” e “leve noção”. Só a título de curiosidade, o relativamente recente “sem noção” quebra todos os recordes, superando os dois milhões (2.250.000).

Ainda no mesmo exemplo, se a inveja vem em “ponta” (ou pontinha); o ciúme dá-se em pitada; a ingenuidade, em doses; a vergonha na cara, em pingos etc. Temos:

“leve impressão” (116.000),
“toque de classe” (496.000),
“leve suspeita” (18.600),
“ponta de inveja” (71.300),
“pontinha de inveja” (28.400),
“pitada de ciúme” (4630),
“traço de tristeza” (69.300),
“dose de ingenuidade” (14.600, geralmente antecedida de “grande”),
“pingo de vergonha” (39.800),
“resto de esperança” (96.590)
“pinta de palhaço” (2.680, ajudado pela antiga canção “Palhaçada”),

Deixando de lado o (afinal impreciso) Google, “pouco” para prosa é “um dedo” (ou “dois dedos); para cachaça, “dois dedos”; para guloseimas, temos um “teco”; já a pouca visibilidade, dá-se em “palmo”, “não se via um palmo adiante do nariz”. Temos ainda “fio de voz”; “gostinho de infância”; “gole de álcool”, “pingo de gente”, “bocadinho de sorte”, “pedaço de mau caminho”.

Quanto à pouca duração, encontramos: “assomo de coragem”, “acesso de fúria”, “rompante de raiva”, “momento de indecisão” (3,270).

Poucos recursos são “escassos recursos”, a pouca diferença é “sutil diferença” e encontramos pouca densidade no “café ralo”. Para “pouco” em distâncias, temos: “beirando o desespero”; chegando “às raias da loucura”.

Outro dado interessante diz respeito aos equivalentes do geral “pouco”, como o brasileiríssimo “meio”: “meio chateado”, “meio sem graça”, “meio desconfiado” etc.

Dois outros sinônimos de “pouco” têm um comportamento muito curioso: “bocado” e “punhado”. Diz o Aurélio:

Bocado – Pequena quantidade de qualquer coisa.
Punhado - Pequena porção; número reduzido

Já o Houaiss adverte para o ambíguo caráter de “punhado”:

Bocado - fração de uma coisa; pedaço, porção
Punhado - quantidade pequena... ou quantidade grande (de algo)!!!

O fato é que “bocado” e “punhado” podem servir tanto para indicar “pouco” como “muito”, o que não deve surpreender num país em que o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno que “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caíndinha por ele” (ou “caidaça”!).

Para “punhado”, recolho os exemplos de Houaiss: quantidade pequena: “um punhado de soldados lutou contra os insurretos”. E para “bocado” no sentido de “grande quantidade”, basta lembrar de “O pequeno burguês” de Martinho da Vila:

E quem quiser ser como eu,
Vai ter que penar um bocado

Por detrás da rotina e dos clichês, essa imensa variedade de formas é, afinal, a riqueza da língua e de sua capacidade expressiva. Já Orwell advertia, em seu *1984*, que a Novilíngua, principal instrumento a serviço da opressão, tinha como missão diminuir o âmbito do pensamento e reduzir ao mínimo as possibilidades de escolha das palavras. E, de fato, a cada ano, o vocabulário diminuía, o que era considerado um avanço, pois quanto menos possibilidades de escolha, menor a tentação de produzir pensamento...

Nem sempre atinamos com as razões – se é que sempre as há – para o uso desta ou daquela palavra nas expressões; o fato é que empregamos “margem de lucro” e “margem de erro”, e se a frequência de uso de “faixa de incerteza” e “faixa de confiança” é praticamente a mesma dos correspondentes “margem de incerteza” e “margem de confiança”, não se pode dizer: “não deixa faixa para dúvidas”, porque o uso impõe: “não deixa margem a dúvidas”. E embora se trate claramente de margem/faixa, na tabela de classificação do campeonato brasileiro, a única expressão legitimada pelo uso é “zona de rebaixamento”.

Se a avaliação do carro tem *itens*, a da escola de samba tem *quesitos*. Como faz o pobre do estrangeiro para adivinhar? Sem *sombra* de dúvida (como vimos, a dúvida tem *sombra*!) ele acabará por *cair* no ridículo (e mais essa: no ridículo... se cai!) e está *coberto* de razão quem *levante* a suspeita de que ele ficará *mergulhado* na incerteza e *envolto* em dúvidas.

Cabe lembrar que essas formas associativas podem mudar com o tempo e com a moda: já que estamos falando em “dúvida”, cada vez mais cai no esquecimento a antiga expressão “dúvida atroz” (ainda com 19.100), substituída, hoje, sobretudo por “dúvida cruel” (156.000) e pouco se diz, digamos, “dúvida amarga” (855) ou “dúvida dolorosa” (1.010), formas que podem vir a prevalecer no futuro.

Se as razões dessas escolhas nem sempre são claras, em alguns casos podemos identificá-las. Algumas procedem de frases famosas de políticos, futebolistas, personagens de telenovelas..., que criam (ou revitalizam) expressões como: “eu sou mais eu”, “é o cara”, “com tudo a que tem direito”, “muita calma nessa hora” etc. Outras são frases de peças literárias, partes de antigos provérbios ou piadas.

Clichês à parte, a diversidade de possibilidades de combinações, de escolha (Orwell) de expressões, reflete a riqueza da língua (e, portanto, do pensamento) e permite comunicar de modo mais abrangente a complexa realidade. Pense-se, por exemplo, nas sutilíssimas formas de um narrador de futebol relatar o lance do pênalti. Entre os categóricos: “Fulano foi derrubado na área: é pênalti!” e “Fulano se jogou: não houve nada!”, há toda uma gama que permite expressar dúvidas sem arriscar-se a ser processado pelo juiz ou por um dos times. Por exemplo, em jogos sem VAR, “o

juiz marcou pênalti”, “deu pênalti” ou “viu pênalti” são diferentes: o primeiro caso parece mais neutro, não entrando no mérito; o segundo, parece indicar que o juiz, de boa vontade, acabou interpretando que aquele lance que tinha aspecto de faltoso, de fato o era; no terceiro, o pênalti foi duvidoso ou inexistente, mas o juiz (e só ele) viu pênalti ou, quem sabe, a visibilidade privilegiada da posição do juiz permitiu-lhe ver o pênalti que eu não vi. Aí dependerá também do tom de voz e dos comentários contextualizantes. No aumentativo, “o juizão viu pênalti” pode sugerir o faccioso uso do apito do todo-poderoso árbitro...

Diferenças na linguagem, sutilezas naturais, imprecisas e misteriosas. Se, pelo contrário, chegarmos à precisão artificial e à estreiteza da Novilíngua, ser-nos-á, como em 1984, literalmente impensável um pensamento dissidente ou divergente em relação ao absoluto do Poder, qualquer que ele seja - “pelo menos - conclui Orwell - na medida em que o pensamento depende das palavras”...

Mictório x toalete

Embora Houaiss date a palavra “mictório” de 1899, já em 26-04-1873, “A Nação” noticia que José Fernandes da Silva foi assaltado por três indivíduos no mictório da Praça do General Osório. Hoje em dia, quem quer ir ao banheiro num bar, posto de gasolina etc. pergunta pela “toalete”, mas originalmente não se usava este eufemismo, falava-se “banheiro” ou o prosaico “mictório” mesmo. É interessante observar que de 1918 a 1952 a palavra “mictório” está totalmente ausente do jornal “O Estado de S. Paulo”.

Toalete (*toilette*) era originalmente mais empregada em outros sentidos:

- Traje do vestuário feminino. Assim, a loja “Ao Bom Gosto” anuncia que dispõe “de fazendas e modas francezas (...) para toilette de senhoras” (“O Despertador” RJ, 15-12-1838).

- Móvel com objetos de toucador. “Dizem que seu toilette é peça estrondosa pelo precioso, com a meza de prata e um sem numero de utencilios de ouro, e madre perola” (“O Sete d’Abril” RJ, 30-11-1833).

- Ato de se lavar, pentear, maquilar, vestir etc. “Começou a vestir-se. Uma dama a fazer toilette de apuro andaria mais depressa”. (“O Sportman” RJ, 29-06-1887).

“Toilette” (ou toalete) no sentido de gabinete de vestir ou aposento sanitário é utilizada sobretudo em descrição de imóveis (anúncios de venda ou de aluguel, por exemplo) e, finalmente, como a forma polida de perguntar pelo banheiro.

Minha Nossa (Senhora)

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, fala de uma acentuada característica do brasileiro, a abordagem pessoal: “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.”

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão”.

Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Nessa linha, o português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo; não exercemos o impessoal “sair”, é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos – como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP – como o da expressão: “Minha Nossa Senhora!”, que contemplamos a seguir.

A brasileiríssima expressão “Minha Nossa Senhora” aparece muitíssimo na BN, desde 1845:

– Ó minha Nossa Senhora!... olhe para ali, olhe para ali, exclamou a marquezeta, não podendo conter um grito de terror (...) (“Diário do Rio de Janeiro”, 18-08-1845)

Procurar, com rigor, a fórmula reduzida “Minha Nossa” seria buscar um agulha em palheiro, entre as milhares de “Minha Nossa Senhora” (o sistema de busca na BN não permite a exclusão de uma palavra, no caso “Senhora”). Limitei a busca para datas a partir de 1940 (o que pareceu razoável) e somente em alguns jornais e revistas populares, que usam linguagem mais informal. Com essas limitações, encontrei uma primeira “Minha Nossa” em 1954 (edição 264) na “Revista do Rádio”, nos célebres “Mexericos da Candinha”:

Eu soube que você comprou 40 mil cruzeiros de roupas, Carlos Augusto. Minha Nossa! Pra que isso tudo?

Antecipou-se assim a revistas como O Cruzeiro (que só usa a forma abreviada em 09-01-1960), Manchete, A Cigarra, Careta, Revista da Semana, e o Jornal dos Sports ou A Gazeta Esportiva.

Não estar muito católico

Um interessante fenômeno sociológico. Antigamente usava-se essa expressão no sentido de “não estar de acordo com o padrão considerado comum ou normal ou melhor” (Houaiss). Claro que sua vigência está condicionada à massiva predominância do catolicismo nos diversos aspectos da sociedade, possibilitando a consideração de outras religiões – insignificantes nessa esfera – como esquisitas e fora do padrão. Assim se compreende que sua aparição na imprensa se dê no começo do século XX e que caia em desuso no fim desse século. Antes, não havia presença efetiva de outras religiões para comparação. Depois, o catolicismo não mais imperaria nesse espaço, compartilhado com outras fortes influências (evangélicos, espíritas etc.).

Aos exemplos dados por Houaiss – “esse bife não está muito católico” e “não estou muito católico hoje, bebi demais ontem” –, encontramos diversos outros

na BN: a situação de tal time no campeonato, o clima entre os ministros do governo etc. E até em repetidas piadas, como a citada abaixo (há também uma versão com vinho):

- Garçom! Este leite não está muito católico.
 - Pois eu lhe afirmo que foi bastante batizado.
- (“A Manhã” RJ, 23-08-1945)

(fazer as) Necessidades

Certas expressões perpetuam-se, permanecendo imutáveis. É o caso desta, que aparece na BN já em 1839, no relato de um estrangeiro, que visitou o Rio de Janeiro algum tempo antes e fala de um terreno extremamente imundo, no qual confluíam várias ruas, cercado de um muro...:

... que veda toda a vista para o exterior (...). Consente-se não só que se fação alli os despejos daquella parte da cidade onde não há latrinas, nem canaes subterraneos, e que se arrojem para alli os animaes mortos e moribundos, mas até que os negros e a ralé da população vá lá fazer as suas necessidades, à vista das famílias que sobem no terraço que está na parte do mar.

(“O Despertador” RJ, 15-03-1839)

Nós, quem, cara pálida?

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do tempo do Zorro (o *Ranger* e não o de capa e espada). Nos inícios dos anos 60, a TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger* que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”. Em 2014, foi lançado no Brasil o filme “O cavaleiro solitário” (com Johnny Depp no papel de Tonto, o parceiro do *Ranger*).

A expressão aparece muitas vezes na imprensa; a primeira, em “O Jornal do Brasil” (RJ, 30-9-1977), como título de uma resenha crítica ao filme “Gente fina é outra coisa”. O autor simplesmente usa (adequadamente) a expressão, sem explicar nada: a piada ainda era de conhecimento geral.

Olé

Naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento quotidiano! Daí que não chegue a surpreender que o significado etimológico da espanholíssima palavra *¡Olé!*, seja um recurso a Deus.

¡Olé! – diz o *Diccionario de la Real Academia* – provém do árabe *Wa-(a)llah* (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). É uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeio flamenco*” é – de algum modo misterioso, mas real – participação na criação, também ela artística, de Deus: ¡*Olééé!*

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc. Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má, em qualquer situação invoca-se a Deus.

Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão).

E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!*, *Ya Allah!* *Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza!

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no *Quijote* isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do *moro*:

Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad. (capítulo XLI)

Não é de estranhar, portanto, que o grito “*¡olé!*”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. A cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que **não** era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam *¡olé!*, como se estivessem numa tourada.

Exaltando a Deus, pelo fabuloso Mané!

Pega para capar

Surge na BN na década de 1900-1910. A primeira aparição é em um enigmático anúncio no “Jornal do Brasil” (RJ, 27-12-1904):

BURACA

511

Para hoje:

Péga... péga para capar.

S. Domingos, 26-904.

A convocação cifrada – feita por este suspeito anúncio – pode ser para o “Jogo da Buraca”, um jogo do bicho particular, restrito a uma pequena comunidade de bairro (“A Notícia” RJ, 01-02-1898). Ou, talvez, ao homônimo “Jogo da Buraca”, praticado por turmas de moleques valentões no qual ganhava o dinheiro quem, arremessando suas moedas, as embocasse em um buraco feito na terra ou mais se aproximasse dele (“Kosmos” RJ, outubro de 1905). O jogo, que quase sempre acabava em pancadaria, era reprimido pela polícia, razão pela qual a publicação aparecia de modo difuso.

Perder as estribeiras

Estribeira é sinônimo de estribo, o aro de metal no qual o cavaleiro apoia o pé, e também no sentido de degrau, que dá apoio para subir ou descer de uma carruagem. Quando quem está montando o cavalo “perde as estribeiras”, perde o controle, daí que signifique ficar desgovernado, desesperançado, descontrolado ou enfurecido.

Curiosamente, embora ocorra na BN também a expressão “perder os estribos”, desde sempre foi muitíssimo mais usada “perder as estribeiras”, que aparece por primeira vez em “A Voz Fluminense”, na edição de 6 de dezembro de 1830. Nela, o texto afirma que o povo brasileiro vai aguentando pacientemente os desmandos,

mas se algum dia elle perder as estribeiras dezesperançado de obter satisfação a suas queixas, então virá o Governo (...), que é entre nós capitaneado pelo Diabo Roxo [alcunha detratada dada ao político padre Antonio José Ribeiro Bhering)], reger-nos contra o que manda a Constituição.

Embora “estribo” e “estribeira” sejam sinônimos, quando se trata do degrau de apoio para subir na carruagem (coche, sege) – e, posteriormente, no bonde ou vagão de trem –, emprega-se “estribo” e, quando se avança no século XX, muito pouco ou nada “estribeira”, palavra que domina nas expressões referentes aos responsáveis por acompanhar a carruagem, como “moços de estribeira”, ou mesmo o nobre que ocupava o importante posto de estribeiro mor da Casa Imperial/Real. Por alguma razão (talvez pela sonoridade), “estribeira”, hoje desbancada por “estribo”, sobreviveu absoluta na expressão “perder as estribeiras”.

Pernas, para que te quero

Sobre esta expressão, apenas uma curiosidade de datas. Ela é muito antiga e, em suas origens, admite também a forma, mais lógica e gramaticalmente correta: “Pernas, para que vos quero”. As duas possibilidades são usadas de modo quase igualmente frequente, mas não só a forma com “te” é mais empregada, como também é muito anterior (à com “vos”) na BN. “Pernas, para que te quero” surge em 1833 (em “O Sete d’Abril”); enquanto “Pernas, para que vos quero” só aparece em 1850 (em “O Beija-Flor”). A forma “para que te quero” vai prevalecendo à medida que avança o século XX e “para que vos quero” vai escasseando e desaparecendo.

Pisar na bola / Pisou no tomate

“Pisar na bola” já se incorporou ao falar brasileiro para expressar erro, falha, ação decepcionante etc. De tanto ser usada em sentido literal, desde sempre pela crônica futebolística, acabou entrando também para a linguagem metafórica. Datar sua aparição, nesse último sentido, é tarefa ingrata, mas talvez seja em 1976 a primeira ocorrência de uso não literal, em contexto extra futebolístico: três soldados e um cabo

foram autores do assassinato de três inocentes; depois, o cabo, apavorado, confessou e entregou tudo. Valdeci, um dos soldados homicidas, preso, deu essa contribuição ao português brasileiro, ao desabafar:

– O cabo pisou na bola e estragou tudo!
("O Fluminense", 12-20-1976)

Na década de 80 e seguintes, "pisar na bola" se consolida em seu sentido metafórico, que prevalece e aparece centenas de vezes na BN, a ponto de a imprensa, em certos casos, ter de advertir: "literalmente pisou na bola".

"Pisou no tomate" é mais um bordão, dos anos 80, do narrador de futebol Osmar Santos que passou (limitadamente) para o linguajar comum: não chega a 100 ocorrências na BN. A partir de 2010 praticamente desaparece da BN (somente duas incidências, ambas em 2012) e, em 1986, o crítico de TV Fernando Lobo já a qualificava de "muito chata" ("Jornal do Commercio" RJ, 26-01-1986).

(não é minha) Praia

Começa a aparecer na BN em 1990. Na "Tribuna da Imprensa" (RJ, 18-10-1990), quando Fernanda Abreu explica que não aderiu à *dance music*: "Não é minha praia".

Pudera

Assim como "tomara" [ver verbete], o sentido original de "pudera", significando "não era para menos", "claro", "obviamente" é impenetrável para o falante atual. Tal como em outras fórmulas, para elucidar esse mistério é necessário dar com a expressão completa que, com o tempo, se abreviou simplesmente em "pudera". É necessário retroceder exatos cento e cinquenta anos, quando aparece por primeira vez na BN ("O Seis de Março" PE, 04-05-1872) nosso "pudera" em seu habitat natural: "pudera não ser assim", formulação vigente até o fim do século XIX, com poucas aparições residuais na medida em que avança o século XX.

"Pudera" em "pudera não ser assim" confere à expressão um caráter de irrealidade, de impossibilidade: "não tem como não ser assim", "não poderia não ser assim" (do mesmo modo que "quem me dera ganhar a mega-sena acumulada" afirma que se trata de uma quimera).

Um exemplo muito claro dá-se em "O Puritano" (RJ, 22-08-1907), que discorrendo sobre o espírito de fraternidade entre os protestantes, comemora:

É agradável, ali no Hospital, abraçarem-se presbiterianos e darbyistas, estes e congregacionalistas e todos com os methodistas e baptistas. E pudera não ser assim, quando todos leem a mesma Biblia e della ficam sabendo que só existe um Salvador e um Céu para todos os crentes!

Outro exemplo. Nas efemérides de sua edição do dia 13 de abril, a "Gazeta de Notícias" (RJ, 1877), informa que "neste dia, em 1712", a então vila de São Paulo tornou-se cidade:

Grandes festejos e regozijos; e pudera não ser assim! Os habitantes do lugar começaram a ser cidadãos, elles, que até essa data eram simples vil... [trunca a palavra para não escrever vilões ou outro termo pejorativo]

Louvando o talento da atriz, do empresário e de toda a trupe de teatro com uma peça de grande sucesso, o colunista de “A Gazeta da Tarde” (RJ, 12-02-1898), após destacar os polpudos ganhos de bilheteria, desfecha: “Tambem pudera não ser assim, com a Herminia, com o Brandão, com todos!”

Para terminar: “Venho inteiramente triste hoje. Pudera não ser assim, si estou até de lucto”. (“A Troça”, AL, 17-06-1892).

(o porquê do nome) Rolling Stones

O nome da famosa banda, quem diria, tem sua origem em expressão abreviadora de um antigo provérbio inglês, cujo equivalente – com pedra “rolante” – foi também muito comum em português durante séculos, mas acabou caindo em desuso no Brasil na primeira metade do século 20.

O provérbio inglês é a *rolling stone gathers no moss*, “pedra que rola não acumula musgo”. Em Portugal havia o exato equivalente, também de séculos, já registrado por Rolland, “pedra movediça não cria musgo”, que admitia variantes, substituindo frequentemente “pedra movediça” por “pedra que rola” ou trocando “musgo” por “limo”, entre outras combinações.

O sentido original do provérbio – tanto em inglês como em português – é de caráter conservador, um alerta contra a inconstância que leva alguns a estarem toda hora querendo mudar (de partido, de amores, de ofício etc.). Diga-se de passagem que a maioria dos provérbios, expressão de experiência acumulada, tem viés tradicionalista (contra uma minoria que incentiva a mudança, como “quem não arrisca não petisca”).

O sentido do velho adágio em nossa língua (e o mesmo vale para o inglês), explicado por Rafael Bluteau, lexicógrafo da língua portuguesa do começo do século 18, é o de que quem fica vagando, indo de um lugar para outro, não prospera: “que os que não tem assento, medram pouco”.

Sua primeira aparição na imprensa se dá no “Museo Universal” (RJ, 11-03-1843), com uma personagem falando de um primo que já abandonara a música e o teatro e agora tentava ser pintor. A prima antevê mais um fracasso: Elle procura aquillo para o que tem vocação (...) mas não tem perserverança alguma.

E segue-se a sentença fulminante: “pedra que róla não cria musgo”. Em outra versão, surge na imprensa (“Annaes do Parlamento Brasileiro”, sessão de 23-06-1856) uma crítica à “pedra movediça”, num elogio da constância e da perseverança.

Se entre nós o provérbio desapareceu, na língua inglesa manteve-se vivo, mas, na segunda metade do século 20, sofreu uma inversão de polaridade: para a cultura jovem, a *rolling stone* perdeu seu caráter negativo de irresponsabilidade social ou estouvamento e passou a representar liberdade, espontaneidade, “descolamento”, desejo de viajar, o caráter aberto e autêntico do jovem “sem lenço e sem documento”.

Quando Brian Jones estava fundando a banda, ainda sem nome, recebeu um telefonema de uma casa noturna para agendar uma apresentação e, ao ser perguntado pelo nome do conjunto, entrou em pânico e deu com a capa do disco de seu idolatrado Muddy Waters, com o título de uma das faixas, *Rolling Stone* (canção de 1950), e naquele momento adotou esse nome⁵.

⁵ www.merriam-webster.com/words-at-play/rolling-stone-phrase-origin.

(encher o) Saco (cheio)

“Encher o saco” e “estar de saco cheio” chegam claramente à BN em torno de 1950, por vezes com ambiguidades e duplos sentidos, como na marchinha do carnaval de 1952 (que foi alvo dos censores – <https://miltonparron.band.uol.com.br/censor-capacho-de-plantao/>. Acesso em 26-08-2022):

Ai, que vida triste tão cruel
Tem o homem que apanha papel
Sua profissão é um buraco
Só pode ir prá casa
Depois de encher o saco
Um papel aqui
Um papel ali
E quando o dia acaba
O saco ainda está no meio
Um papel aqui
Um papel ali
Só lá pra meia noite
É que ele está de saco cheio
 (“Fon Fon” RJ, 02-02-1952)

O “Diário da Noite” de 31-12-1951, traz o desabafo de Perácio (que chegou a integrar a seleção brasileira da Copa de 1938), decidido a encerrar a carreira após a derrota de seu Canto do Rio para o Bangu por 11x3!

Para mim chega, este foi o último jogo. Volto para o Rio de “saco cheio”.

E de um marido negligente, escrevia – também com a expressão ainda entre aspas – “O Poti” (RN, 16-03-1956):

(...) passando dias sem aparecer em casa, bêbado, tudo isto foi “enchendo o saco” da esposa, que afinal resolveu abandoná-lo.

Senta que o leão é manso!

Tal como “Nós quem, cara pálida?” e “amigo da onça” (ver verbete), “senta que o leão é manso” é expressão originada em uma piada, que corria na década de 60 e hoje está esquecida, bem como seu desfecho, que é a sentença contemplada neste verbete.

Proferida pelo protagonista da piada, ela expressa uma situação de falseamento da verdade, por interesse próprio, numa grave situação de perigo:

Um sujeito vai ao circo no interior, a platéia está lotada. Ele só consegue um lugarzinho na última fila da arquibancada. Se senta e dá uma ajeitadinha no saco, bem no meio de duas tábuas vergadas. Alguns minutos depois, um leão escapa da jaula. O público se levanta em pânico. E o sujeito grita gemendo de dor: “- Senta, que o leão é manso!”

(adapt. de <https://piadas.biz>. Acesso em 23-11-2020)

Apesar de expressar de modo muito engenhoso uma situação complexa, a piada desapareceu e a sentença, com sua origem esquecida, foi usada intensamente apenas na década de 70: 385 aparições, desde a sua primeira aparição na BN (“Jornal do Brasil” RJ, 01-01-1970) para anunciar o show do mesmo nome do humorista Juca Chaves de enorme sucesso.

Em uma de suas últimas aparições da expressão (“Jornal do Brasil”, 22-2-80), até a Receita Federal aludiu à “mansidão” do Leão (para os bons pagadores...).

Depois disso, contam-se nos dedos a aparição da expressão na década de 80: uma em “O Pasquim” em 1982; e duas em 1988 no “Alto Madeira” (Porto Velho).

(você está) Servido?

Não atinando com o sentido original da expressão (de fato, invisível para o falante de hoje), um site de referência, o *Uol-vestibular*, propõe agressivamente a abolição da expressão, em sua seção “Dúvidas de português (/ construções sintáticas)”. Vale a pena transcrever o verbete:

"Este sanduíche está delicioso. Você está servido?"

Quem oferece assim para os outros é desumano, maldoso demais! Não entendeu coisa alguma, não é mesmo? Vamos à teoria.

O verbo servir é verbo transitivo direto e indireto, pois quem serve, serve algo a alguém. A gramática padrão diz que apenas verbo transitivo direto admite a voz passiva - aquela que tem o sujeito sofrendo a ação verbal. Portanto, se usarmos o verbo servir, apenas a parte transitiva direta poderá ser passada para a voz passiva:

Ela serviu um sanduíche - Um sanduíche foi servido por ela.

A parte transitiva indireta não admite a voz passiva:

“Ela serviu ao amigo”

Não poderemos dizer “O amigo foi servido por ela” nem “O amigo está servido por ela.”

A frase inteira será “Ela serviu um sanduíche ao amigo” - a voz passiva correspondente será “Um sanduíche foi servido por ela ao amigo”.

A pergunta apresentada, então, para se adequar ao padrão culto da Língua, deveria ser estruturada de outro modo:

“Este sanduíche está delicioso. Você quer experimentá-lo?”

(<http://vestibular.uol.com.br/duvidas-de-portugues/este-sanduiche-esta-delicioso-voce-esta-servido.htm>. Acesso em 1-5-20)

Igualmente, outro importante portal de educação, o *Brasil Escola*, também investe pesadamente contra o uso daquela expressão, “incorreta e deselegante” (<http://www.brasilecola.com/gramatica/voce-esta-servido-ou-quer-experimentar.htm>. Acesso em 1-5-20)

Na verdade, por não termos mais acesso ao significado originário de “está servido?”, buscamos enquadrá-la à força em nossos padrões de linguagem atuais e aí acontece algo parecido com o que se faz com letras de canções que cantamos errado, buscando uma releitura com sentido mais familiar: “trocando de biquini sem parar” conta com 2030 incidências na busca do Google (em 1-5-20) superando as 1990 do verso original de “Noite do prazer” de Claudio Zoli (“tocando B. B. King sem parar”). E “é você que é mal passado e que não vê” apresenta 749 sites no Google, deformando o original de “Como nossos pais” de Belchior: “é você que ama o passado e que não vê”.

Desde a infância, intrigava-me a pergunta, mas sobretudo a resposta a “você está servido?”. Acabo de chegar, entro e as pessoas que estou visitando estão à mesa comendo uma pizza. A dona da casa, gentilmente, diz: “Que surpresa, você por aqui? Puxa uma cadeira, a calabresa está uma delícia. Você está servido?” Dentro da “lógica” da semântica atual, a pergunta não tem o menor sentido: é claro que não estou servido, não sentei, nem tenho prato... como poderia estar servido? Mesmo assim, minha recusa deve assumir a forma: “Não, obrigado!”. Na verdade, é desse erro de interpretação que derivam todas as perplexidades com relação à nossa expressão.

E é que “servido”, “servir”, no caso, não diz respeito às pizzas que se servem, mas à antiga expressão, que se refere à pessoa, “ser servido” (ou “estar servido”).

O dicionário da Real Academia Espanhola registra “*ser uno servido – Querer o gustar de una cosa conformándose con la súplica o pretensión que se hace.*” Assim, “é servido” ou “estar servido” significa simplesmente a pessoa querer, aceitar, “estar de acordo” e não se refere à comida que se pretenderia “servir” a ele nem se lhe foi “servido” algum bocado.

Nesse sentido, a fórmula “ser servido” ainda se usa em Portugal: Dolores Aveiro, a mãe do famoso jogador de futebol Cristiano Ronaldo, orgulhosa de ser “mulher com mão para a cozinha”, posta uma foto sua em sua página do Instagram, ao lado de um lauto jantar por ela preparado, e escreve na legenda : “Alguém é servido?” (<https://www.noticiasaoiminuto.com/fama/452903/dolores-aveiro-alguem-e-servido>). Acesso em 1-5-20)

Assim, encontramos, antigamente, ordens do rei precedidas de “Sou servido ordenar...”, “Sua Majestade é servida...”, “O Rei é servido...” etc. que significam simplesmente que é vontade do rei tal coisa que se decreta (http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Os_documentos_dEl_Rei.PDF). Acesso em 1-5-20).

Outros exemplos. Nos *Acuerdos del Cabildo de Tenerife* (de 1/4/1513) se diz: “Valdés dijo lo mismo que Oallinato porque su Alteza está servida en le hacer saber todo lo pasado en este caso.” Nas *Moradas* de Santa Teresa: “cuando nuestro Señor es servido de regalar más a esta alma, muéstrale claramente su sacratísima Humanidad de la manera que quiere”. E no conto “As festas de Nazaré” de Júlio César Machado, autor português do século XIX, quando o personagem pede um cavalo com tais e tais características, a velha responde: “Está o senhor servido! Oh! Está o senhor servido!”, ou seja: tenho exatamente o animal que o senhor deseja.

Tendo desaparecido o uso original de “estar / ser servido” e limitando-se, hoje no Brasil, à fórmula educada de oferecer comida, a expressão torna-se problemática e um tanto indigesta para ser servida.

Simples, complicado (e outras “plicas”...)

Simplex, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardeal da *prudentia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, “simples” admite também acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

Simplex era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz”. Na análise etimológica de

Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: "*simplex, idest sine plica duplicitatis*": "simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade".

Plica em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. "Para fora" em latim é *ex-* (exportar, ex-pelir, ex-onerar etc.): tirar para fora das plicas, das dobras é ex-plicar. E quem está envolvido nas plicas é *cúm-plice*; já um filme cru (sem dobras que escondam) traz cenas ex-plícitas. Su-plicar é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de simples (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*), a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso "chegar" (pl=ch) seja simplesmente "plicar". Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é "plicar", dobrar as velas porque chegamos. Daí, aplicar uma prova (ou uma injeção etc.) é fazê-la chegar ao aluno (ou ao braço) etc. Implicado é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas plicas da empresa... Já replicar é a volta, que mostra outra face da questão.

Após termos multi-plicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, "que não se acumplicia jamais" (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

Uma nota de uso da linguagem: se hoje usamos "implicado" para os envolvidos em casos ou processos judiciais, os antigos usavam também "complicado". Assim, "A Malagueta" (RJ, 13-1-1829) supõe que o diplomata argentino D. Thomas Guido "está complicado nesta preconizada criminalidade do [Presidente] Dorrego". E "A Notícia" (RJ, 9-8-1897) afirma que "ha vehementes indícios de que o ministro Rambaud está complicado nesta negociata". Em um muito tardio uso, a "Última Hora" (RJ, 15-4-1955), referindo-se a um escândalo cambial internacional, ainda afirma: "a transação correu através do Banco América que também está complicado neste irregular desconto".

Tomara

A vontade de Deus não muda (Hb 6, 17; Sl 119, 89; 1 Pe 1, 24-25) e os teólogos explicam que quando pedimos algo a Ele em nossas orações, trata-se antes de ajustar a nossa vontade a Seus desígnios e não de alterar Seus imutáveis desígnios... Assim, considerando a eternidade (Seu eterno "presente"), o espanhol prefere o presente "si Dios quiere" (e o inglês "God willing") em vez do nosso futuro "se Deus quiser", sobretudo se seguido da recente forma de coação para com a divindade, complemento inventado pelo brasileiro: "e Ele há de querer".

Nosso desejoso "tomara", forma abreviada de "tomara Deus", remete teologicamente – pelo pretérito mais-que-perfeito – a um vago passado ancestral, até anterior ao tempo: "Tomara [Deus, em seus desígnios eternos] que chova três dias sem parar", "Tomara [que bom será que Deus 'tinha tomado' a decisão de] ue o Brasil seja hexacampeão", "tomara que caia" etc.

Até nas palavras cruzadas de antigamente, "tomara" era sinônimo de "prouvera a Deus" (hoje em desuso). Prouvera é o pretérito mais-que-perfeito do verbo "prazer" (sim, prazer é um verbo e significa agradar). E, de fato, muitas vezes "prouvera a Deus" tem o sentido de "tomara". Assim, Rachel de Queiroz, glosando a excelência da instituição "Pro Matre", escreve:

Prouvera a Deus pudesse a “Pro Matre” espalhar sucursais pelo país inteiro – onde se perdem tantas crianças por falta de assistência na hora do nascimento (...).
“O Cruzeiro” (RJ, 27-04-1957)

Mas “prouvera a Deus” não necessariamente se refere a um desejo de (para nós) incerto futuro, mas pode indicar também algo que, infelizmente, não ocorreu, não aprovou a Deus. Assim, por exemplo, a revista “Para Todos” (RJ, 21-06-1919), considerando os acidentes que têm sido causa de “centenas de mortes e de milhares de estropiados”, lamenta:

Há no Rio dous mil e oitocentos e vinte e cinco automoveis. E, prouvera a Deus que não houvesse nenhum.

Trava-línguas

Mais um registro sobre brincadeiras de linguagem e seu surgimento na imprensa nacional. Embora a palavra só surja em 1918 (“Careta” RJ, 21-12-1918), ainda no século XIX aparecem trava-línguas que são usados até hoje (em formas ligeiramente diferentes). Os primeiros aparecem em “A Reforma” (SE, 30-09-88) e se referem aos lendários mafagafos e ao arcebispo de Constantinopla:

N’um ninho de mafagafos, seis mafagafinhos ha; quem os desmafagafisar, bom desmafagafisador será.
O arcebispo de Constantinopla se quer desconstantinopolisar e quem o desconstantinopolisar, bom desconstantinopolizador será.

Em 26 de maio de 1893, em A Capital, do Rio de Janeiro, surge pela primeira vez “o rato roeu a roupa”, e o famoso “três tigres” aparece no Jornal do Brasil (RJ, 25-11-1923, numa forma enxuta: “Eu tenho tres tigres!”). Na mesma edição, temos uma tradução (e adaptação) de um tradicional trava-línguas francês: “Se seis serras serram seis cigarros, seiscentas serras serram setecentos e seis cigarros”.

Turma do deixa disso

Refere-se aos cidadãos de boa vontade, que procuram apartar uma briga – dizendo: “– Pessoal, deixa disso” – e se interpõem entre os envolvidos, frustrando o desejo (inconfessável ou não) daqueles que gostariam de apreciar um bom corpo-a-corpo na rua, no Parlamento, no bar, no campo de futebol etc.

Frequente e quase centenária na BN, a turma do deixa disso tem seu primeiro registro na imprensa no carnaval de 1929, quando o “Correio da Manhã” (RJ, 25-01-1929) indica para a polícia (jocosamente) três alcunhas de foliões – “Barão”, “Potyguara” e “Trififi” – que podem criar confusão nas folias:

São esses nomes que traz [sic] a população pacata desta terra em aviso de entrar na hora com a turma do deixa disso.

Vamos combinar que / convenhamos / vamos e venhamos

“Vamos combinar que” não significa necessariamente estabelecer uma convenção ou acordo mas, neste milênio, pode ser simplesmente explicitar um ponto

pacífico, sobre o qual ninguém pode razoavelmente discordar. Assim, por exemplo, superados os tempos de baixa qualidade da pizza carioca:

... Vamos combinar que aquela pizza de massa borrachuda [hoje] serve apenas como o retrato de uma época – quando pizza boa era só em São Paulo. (“Jornal do Brasil” RJ, 15-06-2001)

Em vez desse nosso jovem “vamos combinar que”, desde que existe Brasil independente empregava-se (e ainda se emprega...) o “convenhamos”. Um exemplo: em 1837, um artigo que advogava pela diminuição da idade para que se pudesse antecipar a maioridade legal de Dom Pedro II (que ocorreria normalmente aos seus 18 anos, em 1843) foi criticado por afirmar, sem citar as fontes históricas, que havia, em outros países, “trinta exemplos de dispensa de idade para Príncipes menores de 16 annos até a idade de 12 incompletos”. E o autor justifica-se em artigo seguinte:

Convenhamos sêr difficil tarefa têr de recorrer a innumerables chronicas velhas e alfarrabios do tempo Affonsinhos, para fazer acreditar que não envidamos de falso... [mas apresenta, desta vez, dados mais detalhados e melhor fundamentados]. (“O Sete d’Abril” RJ, 03-05-1837)

Fórmula equivalente – e também muito antiga – é “vamos e venhamos”. A primeira aparição na BN é em uma carta de leitor de 1825, que investe contra possíveis indulgências contra insubordinações e “insultos gravissimos” cometidos por um Brigadeiro ancião:

Vamos, e venhamos, o crime deve merecer attenção; não se diga que é caduquice d’hum pobre velho (...) deve ser punido; para que se conserve o respeito [nas Forças Armadas]; não se deixe ir por agoa abaixo, negocios tão serios. (“Imperio do Brasil – Diario Fluminense” RJ, 03-01-1825)

Nos últimos anos, a expressão tem sido cada vez menos usada e sua derradeira aparição na BN foi em 2016.

(dar) Zebra

A pesquisa na imprensa confirma a versão de que a expressão foi criada pelo folclórico técnico Gentil Cardoso em 1964. Um fato interessante é que ao longo da década de 50, “zebra” na gíria esportiva era o atacante que perde um “gol feito”, como consta no “dicionário” do “Mundo Esportivo” de 22-7-1948.

Como costuma acontecer com as novas gírias que rapidamente se tornam populares, no carnaval do ano seguinte já saiu a marchinha “Deu zebra”, gravada por Castrinho, e em 1966 foi o tema do desfile da Unidos de Vila Isabel. Recém nascida a gíria (em entrevista de rádio na qual o técnico da pequena Portuguesa referia-se à “zebra” de sua vitória sobre o poderoso Vasco) o próprio Gentil dá entrevista à televisão explicando que a zebra representa o impossível, pois inexiste no jogo do bicho. (Cf. notícia do “Diário Carioca”, 29-7-1964).

Recebido para publicação em 13-12-22; aceito em 23-12-22